MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
CONSELHO NACIONAL DE PROTEÇÃO AOS ÍNDIOS

PUBLICAÇÃO N.º 91

Diário das Três Viagens

(1877-1878-1882)

DO

Revmo. Padre Nicolino José Rodrigues de Sousa

AO

RIO CUMINÁ

afl. margem esq. Trombetas do rio Amazonas.

(Cópia — executada pelo C. N. P. I em 1942 — do manuscrito único redigido pelo referido sacerdote e pertencente à biblioteca particular do Sr. General Candido M. S. Rondon)

★

1946
IMPRENSA NACIONAL
RIO DE JANEIRO — BRASIL

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

CONSELHO NACIONAL DE PROTEÇÃO AOS ÍNDIOS

PUBLICAÇÃO N.º 91

Diário das Três Viagens

(1877-1878-1882)

DO

Revmo. Padre Nicolino José Rodrigues de Sousa

AO

RIO CUMINÁ

afl. margem esq. Trombetas do rio Amazonas.

(Cópia — executada pelo C. N. P. I., em 1942 — do manuscrito único redigido pelo referido sacerdote e pertencente à biblioteca particular do Sr. General Candido M. S. Rondon)

★

1946
IMPRENSA NACIONAL
RIO DE JANEIRO — BRASIL

APRESENTAÇÃO

A resolução tomada por esta presidência quanto à impressão do presente trabalho, é a resultante de duas fôrças concorrentes: uma, relativa ao assunto em si, por se tratar de três interessantes viagens pelo interior do Brasil, subindo e descendo os rios Trombetas e Cuminá — êste, a que o autor chamou de "Cuminá-Grande" — *outra, concernente à circunstância de que os feitos que descreve e sua execução, terem sido inspirados e dirigidos por um sacerdote, que nasceu índio e se educou no meio civilizado, onde, por sua clara inteligência e por seu poder de adaptação, alcançou a posição de eclesiástico e conquistou outra de maior destaque na religião e na sociedade, como vigário das paróquias de Óbidos e de Monte-Alegre, no Estado do Pará, em cuja atividade permaneceu vários anos.*

Quando me encontrava em serviço ativo do Exército e dirigia os trabalhos da Inspeção de Fronteiras, executei pessoalmente a exploração e o levantamento do rio Cuminá (1928/29), *desde sua foz no Trombetas (afluente êste do Amazonas, pela margem esquerda, logo a montante da cidade paraense de Óbidos), até suas mais altas cabeceiras (Latitude* = 2°17'59", *Norte; Longitude* = 55°56'47", *W. de Greenwich). Nêstes trabalhos, serviram-me de guia os Diários de Viagens, manuscritos, do Rev. Padre Nicolino José Rodrigues de Sousa, judiciosamente organizados, sob escrupulosa exatidão, e onde se encontram, como o leitor verá, considerações de ordem filosófica e interessantes pensamentos, que definem a arraigada fé católica do autor e denunciam os seus sentimentos elevados e filantrópicos.*

O fato de ter o Padre Nicolino se entusiasmado com a leitura dum roteiro que descobriu em Roma e que lhe inspirou a idéia de atirar-se ao sertão, denota bem a influência ancestral do sangue indígena que lhe corria nas veias.

Possuindo em minha modesta biblioteca particular o exemplar único dêsse manuscrito precioso do Padre Nicolino, mandei-o copiar,

no Conselho Nacional de Proteção aos Índios, a fim de atender à solicitação do Prefeito de Óbidos, constante da carta que vamos transcrever e que me dirigira o distinto patrício Dr. Paulo Inglez de Souza, em 23 *de julho de* 1942, *como documentação histórica e comprovação da origem indígena do Padre Nicolino, faltando ali dizer qual a tribo a que pertenciam os seus maiores e que, segundo é fácil deduzir, deve ser ou Macuxi, ou Uapixana, que são as duas que habitam a zona da fronteira do Brasil com a Guiana Inglêsa.*

Com idêntico objetivo, e para a divulgação dos dados a propósito colhidos pelo Dr. Gastão Cruls, julguei de bom alvitre anexar, como o faço, uma cópia do tópico em que aquêle reputado escritor se referiu ao Padre Nicolino, a páginas 73 *a* 78 *de seu interessante livro: "A Amazônia que eu vi" — ed.* 1938 — *Série Brasiliana — Cia. Editora Nacional de São Paulo.*

Por ocasião da minha viagem ao Cuminá, visitei o túmulo em que descançam os restos mortais do piedoso clérigo, religiosamente guardados na modesta igreja por êle erigida à margem do rio Trombetas, próximo à foz, no lugar em que existe a vila Oriximiná, *nome indígena, aliás, do rio a que os portuguêses denominaram:* das Trombetas.

*

Finalmente, como esclarecimento necessário, devo ainda informar que, julgando de interêsse histórico e geográfico o teor do "Diário de Viagens" do Padre Nicolino, autorizei ao secretário dêste Conselho a remeter uma das cópias dactilografadas ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o que ocorreu mediante o ofício n.º 80, *de* 3-III-1943, *oferta que foi acusada e deu lugar aos agradecimentos que nos dirigiu o distinto e operoso secretário daquêle Instituto, Dr. Cristóvão Leite de Castro (of. n.º* 3-1.167 *de* 5-III-43).

*

Conselho Nacional de Proteção aos Índios.

Rio de Janeiro, 4 *de dezembro de* 1944.

CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON

Trecho do livro : A AMAZONIA QUE EU VI, do Dr. Gastão Cruls

"4 de outubro (1928). — Tivemos hoje, pelo rádio, a grata nova de que o Dr. Diniz talvez nos venha alcançar, partindo do Salgado a 8 e trazendo consigo alguém que valha de intérprete para os índios.

Terminada a leitura do terceiro e último volume do Stedman, o General emprestou-me um precioso caderninho, que lhe foi dado em Óbidos, e onde o Padre José Nicolino de Sousa anotou dia a dia, do próprio punho, os trâmites das suas três viagens ao Cuminá Grande. (É como êle chama êste rio).

Tratando-se de um original em grande parte inédito, é obra verdadeiramente valiosa e tem para nós um interêsse todo particular, uma vez que, durante largo trecho da nossa jornada, servir-nos-á de roteiro.

Em Belém, por bondade do Dr. Carlos Estêvão, eu havia conseguido, uma cópia da parte inicial dêsse mesmo diário, cuja publicação fôra começada pela REVISTA DE ESTUDOS PARAENSES, em 1894. Na mesma ocasião, aquêle amigo deu-me também o traslado de certo artigo do engenheiro Gonçalves Tocantins, igualmente inserto na aludida revista e onde obtenho alguns dados biográficos acêrca do Padre Nicolino.

Sei, assim, que êle nasceu na cidade de Faro, em 1836, de procedência humilde e tendo por mãe uma índia. Desejando votar-se à carreira eclesiástica, fez estudo em Óbidos, e foi mandado, mais tarde, à França, onde completou o curso teologal nos seminários de Serigeux e Aire. De volta ao Pará, já ordenado presbítero, começou por lecionar no seminário e, depois, foi vigário de Monte-Alegre e Óbidos.

Consta que, durante a sua estada na França, teve oportunidade de ler o trabalho de um missionário, que cruzara grande parte da América do Sul e aludia aos campos existentes na vertente meridional da Cordilheira Tucumaque. Daí, a primeira idéia das suas viagens, entretanto, só levadas a efeito muito mais tarde, quando, já em Óbidos, soube que mocambeiros, residentes no Cuminá, confirmavam a realidade dos tais campos, pois que alguns dêles até lá já haviam ido, na companhia dos selvícolas.

Pode-se dizer que o Padre Nicolino foi o primeiro explorador do rio Cuminá. Na verdade, antes dêle — para não falar em Spruce, que apenas atingiu a Cachoeira do Tronco — houve a viagem de certo Tomás Antônio d'Aquino. A êle se reporta Francisco Caldas de Araújo Brusque, antigo Presidente do Pará, no seu relatório, de 1 de setembro de 1862, à Assembléia Legislativa da Província, em tópico relativo aos índios do Trombetas: "Segundo o testemunho de um explorador de nome Tomás Antônio d'Aquino, que na suposição de encontrar riquezas naquêle rio, subiu pelo seu principal ramo denominado *Camiuá* (sic) até encontrar as cachoeiras, e dêste ponto em diante seguiu caminho por terra por espaço de 13 dias consecutivos..."

Como se vê, é uma vaga referência, pela qual não se consegue saber quem era êsse tal Aquino, nem em que ano realizou a sua exploração. Parece, entretanto, que não o conduz nenhum intuito patriótico, como ao padre, que desejava ajuizar não só da valia daquêles campos, como promover a catequese e descimento do gentio da região.

Ao sacerdote paraense devem-se três viagens ao rio que vamos agora percorrer. A primeira, e mais importante, foi realizada em 1876, quando êle, subindo o Cuminá e entrando pelo Parú, chegou até os almejados campos, pouco acima de um outeiro, que tem hoje o nome de Morro Tocantins. As duas ulteriores viagens, de 1877 e 1882, não lograram o mesmo êxito. Já, então, ambas visavam a abertura de uma estrada que permitisse mais fácil acesso aos campos, por maneira a aí ser estabelecido um centro de indústria pastoril, segundo desejo de fazendeiros e outras pessoas gradas de Óbidos, que para isso se dispuseram a auxiliar a iniciativa do padre. Infelizmente, como já disse, nenhuma dessas viagens surtiu efeito. Em 1877, o Padre Nicolino limitou-se a várias incursões pelo mato, nas imediações do Urucuiana, rio situado logo acima das grandes cachoeiras, e, da terceira vez, a morte surpreendeu-o em ponto ainda mais baixo, quando entrara pelo vale do Igarapé da Sumaúma.

Aproveitemos a oportunidade para dizer alguma coisa acêrca dos outros perlustradores da região.

Alguns anos após o padre, isto é, em fins de 1893, o engenheiro Gonçalves Tocantins, dando cumprimento à incumbência que lhe fôra confiada pelo Govêrno do Pará, atingiu o morro que hoje tem o seu nome, e, confirmando plenamente o valor dos Campos Gerais do Cuminá, mais uma vez chamou a atenção dos poderes públicos para a necessidade de uma estrada que os ligasse a Óbidos.

Foi para estudar o traçado dêsse estrada que, em 1894, teve lugar a expedição chefiada pelo Tenente Lourenço Valente do Couto. também em missão do govêrno estadual. Depois de fazer um reconhecimento dos campos até ponto superior ao alcançado pelos seus predecessores, pois, no dizer do Sr. João Sales, que lhe foi companheiro de viagem, Valente do Couto ainda subiu o rio por quatro dias, depois de transposto o Morro Tocantins — essa expedição, tornando mais abaixo, adentrou-se pelo mato, visando ganhar Óbidos através de uma picada aberta na floresta. Foi aí o início de uma tormentosa e acidentada travessia em que, por quase cinco meses, Valente do Couto e seus companheiros baldos de recursos, se viram perdidos em plena selva e tiveram de arrostar os maiores perigos e privações.

A exploradora francêsa Atilia Coudreau foi a quarta visitante do Cuminá. Por morte de seu marido, o engenheiro Henri Coudreau, que firmara contrato com o govêrno paraense, a fim de estudar os principais rios da Guiana brasileira, dos quais já havia percorrido vários, aquela senhora quiz tomar a si a ultimação de seus trabalhos e, assim, em 1900, subiu o rio Cuminá até distância nunca atingida por ninguém, uma vez que chegou a quase cem quilômetros acima do Morro. Dessa expedição, a valorosa exploradora francêsa deixou-nos bom relato no seu livro "Voyage au Cuminá".

Passaram-se cinco lustros sem que esta região voltasse a despertar a curiosidade de novos viajantes. Assim, é de 1925 a expedição dos Drs. Picanço Diniz e Avelino de Oliveira, a que já me reportei anteriormente e da qual resultou acurado estudo da geologia local, por parte do segundo dêsses senhores.

Faz-se necessário mencionar ainda a malograda expedição do Dr. Vicente Chermont de Miranda, cuja data não posso precisar, mas que, talvez, haja precedido a de Gonçalves Tocantins. O Dr. Chermont, quando a meio da viagem, teve a infelicidade de sofrer sério naufrágio, que o pôs à mingua de recursos, forçando-o dest'arte a não levar avante o seu projetado alcance dos campos."

* * *

Rio de Janeiro, 23 de julho de 1942. — Exm.º Sr. General Cândido Rondon. — Respeitosas saudações. — O meu ilustrado amigo Sr. Euclides Dias, Prefeito de Óbidos, Terra Natal do meu finado pai o Dr. Herculano Marcos Inglez de Souza, que V. Excia., certamente conheceu, pede-nos, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, mandar entregar a V. Excia. a inclusa carta, cuja resposta, rogo a V. Excia., se sirva enviar ao seu grande admirador que esta

subscreve. — Aproveito o ensejo para explicar a V. Excia. o interêsse que me prende à história do Padre Nicolino José Rodrigues de Sousa. — Meu avô paterno, o desembargador da Relação de São Paulo, Marcos Antônio Rodrigues de Souza, era natural de Faro, de antiga e conceituada família paraense. Juiz de Direito dessa cidade, de Parentins e de Óbidos, foi, como chefe de Polícia da província do Amazonas, ao Alto Rio Branco a apaziguar uma revolta de índios da fronteira que os inglêses da Guiana animavam e excitavam para turbar o *uti possidetis* brasileiro. Logrou pleno êxito essa expedição, pelo que foi êle condecorado com a comenda de Cristo pelo govêrno imperial. Trouxe, entre os prisioneiros, os dois cabecilhas, que se intitulavam São Pedro e São Paulo, uma índia loira e de olhos azues, que tomou o nome de Genoveva e se casou mais tarde com um cabo de destacamento policial de Manáus, e um indiozinho, de poucos anos de idade, que se batisou com os nomes de Nicolino José ou José Nicolino e adotou os apelidos da nossa família — Rodrigues de Souza. — Muito vivo e inteligente, mandou-o meu avô para o Seminário do Pará, onde êle se ordenou, sempre com distinta aprovação dos seus Mestres. D. Antônio Macedo Costa, entusiasmou-se pelo rapaz, sobretudo por ser índio e o enviou a estudar ao colégio dos Jesuitas de Roma, onde êle se doutorou e em cuja biblioteca achou o roteiro que o animou, de volta à Amazonia, às expedições do Trombetas. — Dessas sabíamos nós que havia feito duas, e da segunda, — dizia meu pai — que essa história me referiu reiteradas vêzes, não voltara ninguém, nem Padre Nicolino nem nenhum dos seus companheiros, não se sabendo se haviam todos morrido de febres, mordidos de cobra ou comidos de jacarés. Vejo agora, pelo que li em Gastão Cruls que o Padre Nicolino fez terceira expedição, na qual faleceu e se acha enterrado numa aldeia de Trombetas. — Com a transferência do meu avô da comarca de Óbidos para a de Santos, e a sua final nomeação para a Relação de São Paulo, onde faleceu, trasladara-se a família tôda para o Sul, sem que jamais nenhum dos seus membros tornasse a Amazônia. Pelo que ignorávamos o fim do Padre Nicolino. — Releve-me V. Excia. a liberdade que tomei de lhe escrever, sem ter a honra de o conhecer pessoalmente e me permita me subscreva: De V. Excia., patrício, criado e grande admirador (a) Paulo Inglez de Souza. — Av. Copacabana n.º 324.

Confere com o original. — *Rosa Ring,* escriturária XVI do CNPI.

Visto — *Amilcar A. B. Magalhães,* Coronel Secretário do C.N.P.I.

DIÁRIO DE VIAGEM DO PADRE NICOLINO JOSÉ RODRIGUES DE SOUSA — ÍNDIO DA FRONTEIRA DO BRASIL COM A GUIANA INGLÊSA (*)

PRIMEIRA VIAGEM AO CUMINÁ GRANDE

Deus em sua infinita sabedoria, poder e bondade tudo arranja e dispõe sempre em favor dos homens, porém muitos delles, por irreflexão desconhecendo esta verdade, arguem os actos de sua divina Providencia e qualificam de imprudencia, temeridade e loucura as ações daquelles, que tem Elle escolhido para, como instrumento, realizar a sua benefica disposição. É incontestavel que todo o dever do homem resume-se no amor de Deus e do proximo. Ama e faz o que quizeres diz Santo Agostinho. Assim convencidos, resolvemos a tentar o descimento dos indios do Trombeta o Tenente Leonel e eu, porque nada ha de mais agradavel a Deus do que a exaltação de sua gloria, que na terra occupa o primeiro lugar a salvação das suas creaturas prediletas.

Dia 25 de Novembro de 1876 (sabbado) pelas dez horas da manhã partimos do Ageréna propriedade do Sr. Tte. Leonel da Silva Fernandes comigo Pe. Vig. em duas canoas.

Na mais possante vieram o Tenente Leonel o Pe. José Nicolino de Souza, o Filho do Tts. Manoel Marinho Fernandes o gentio Pedro, o rapaz Vicente. No Uruatapéra embarcarão-se José Agostinho Leandro digo Agostinho Moisinho e João Garcia de Sena.

Em outra canôa vierão a gentia Anna Maria de Oliveira, o filhinho Manoel e o filho do Tte. de nome Francisco Marinho Fernandez, que tendo hido adiante foi por nós alcançado abaixo do lugar dito Corralinho. Já com deliciosa sensação contemplava as aprasiveis margens do maravilhoso Trombeta, suas aguas cortadas por vigorosos remos mostravão em seus alvissimos borbulhões a realidade de sua pureza. Chegamos ao Achipicá ao entrar da noite e pernoitamos em casa do ancião Pita. No dia seguinte Domingo 26 pelas 7 horas do dia continuamos a nossa viagem, tendo embarcado José Agostinho

(*) Neste, como nos dois outros diários subseqüentes, foi mantida a ortografia etimológica do autor.

Leandro e Anselmo Franc.° dos Santos aquele no Achipicá e este no Lago Grande. Pelas 3 horas e meia da tarde chegámos ao repartimento: à direita segue o Cuminá e à esquerda o Rio Grande; seguimos pelo Cuminá e ás 5 h. entramos pela boca do Salgado em cuja margem tem o Tte. Leonel uma casa aonde chegamos meia hora depois das seis da tarde e pernoitamos.

Segunda-feira 27 ouviu-se o Santo Sacrificio da Missa; partiu-se a 1 hora da tarde, tendo embarcado mais Joaquim Telles de Figueiredo, Joaquim Profirio dos Santos, Antonio Carmo, José Calixto Pires e Antonio Lazaro da Silva, buscou-se o rio Cuminá e seguiu-se. Ás 7 horas da noite chegou-se no Jaruacá em casa do velho Agostinho em cujo porto pernoitou-se.

No dia seguinte 28 embarcando mais Maria de Jesus, filha do Preto Toró com uma gentia e o gentio ainda menor de nome João Pedro, saimos; eram 3 e meia horas da tarde e pernoitou-se na praia do repartimento, acima da boca do Cabaço. Era Domingo digo terça-feira, dia 29, quarta-feira pelas 7 horas da manhã fomos ao Cabaço, donde comnosco veio mais o gentio Profirio d'Assunção. Ao voltar, reunidos ao resto dos nossos companheiros pelas 2 horas da tarde já na Praia do Ianári, seguimos o nosso destino pelas 3 h. e fomos pernoitar sobre a praia denominada do Extremo no estirão grande.

Dia 30 quinta-feira as 9 horas do dia chegamos a primeira correntesa do tronco, isto é, ao principio das cachoeiras. Um dos panoramas notaveis da Onipotencia divina é sem duvida a cachoeira! Ao ver o tronco das cachoeiras a inteligencia contempla e se eleva expontaneamente ao Creador, a imaginação se exalta e um desejo de curiosidade apodera-se da vontade e o homem não se farta, não se cança de examinar os diversos aspectos, que se apresentam ao seu olhar ambicioso. As aguas que naturalmente rolam sobre seus leitos sob a sua aurea cor, nas pancadas tomam a brancura da neve e rolando-se furibundas precipitm-se cheias de escumas por entre inabalaveis rochedos. Pelas 3 horas da tarde digo das 9 h. do dia até as 3 da tarde tinhamos passado 4 grandes pancadas e pernoitamos junto da 5.ª em uma Ilha dita das Lages. No seguinte dia sextaf. 1.° de dezembro passou-se a 5.ª e até as 2 h. e meia passaram-se mais 4 mais ou menos violentas e pernoitou-se na Ilha do meio defronte da Serra do mesmo nome.

No dia Sabado 2 do mês pelas 10 h. continuamos a nossa viagem e desde defronte da serra do Pandiá uma serra de figura conica começamos a passar fortes cachoeiras, seguimos depois por terra, levaram as gentes nossas as canoas, já no numero de três, embarcaram-nos

no porto da roça que se nos disse ser de Manoel Antonio, por antonomasia Ovelha, tendo passado 4 grandes bancos. Eram 2 h. da tarde. Daí em diante passou-se mais 3 bancos e às 4.e meia avistamos ao longe uma grande vala, que da superficie das aguas do igarapé elevara-se à altura de 30 a 40 metros mais ou menos; uma massa da brancura da neve exhalando de si fumaça, impedia que se lhe pudesse ver o abismo; suas bordas de alcantilados e medonhos rochedos faziam-nos experimentar um não sei que de prazer e de terror! O que é aquilo, bradam todos!! Mas o que é?! Aquilo que vedes, responde o Piloto: é a cachoeira que se chama inferno, por alí não se pode passar por causa da violenta força das aguas e de insondaveis abismos, que aí se acham. Foi quasi junto deste sublime medonho, que abordamos as 6 horas da tarde e alí pernoitamos.

No dia 3 Domingo — pelas 7 horas da manhã fomos visitados pelo súdito francês Monsieur Jule Caillat, que acompanhado somente de uma só pessoa o brasileiro João Felippe já tinha varado a sua não pequena canoa. Foi no abarracamento dele que celebrou-se o Santo Sacrificio da Missa. Oh que doce consolação! Observou-se toda a extensão da cachoeira, que se compõe de 3 bancos horriveis! O abarracamento do Mr. Jule achava-se tambem já alem dos bancos, tendo um delicioso porto, onde tomamos aprasivel banho.

Segundaf. dia 4 do mês continuamos a nossa derrota pelas 11 h. do dia, tendo pela manhã varado nossas canoas e pernoitamos em uma ilhinha a direita e abaixo da cachoeira do Cajual. Neste dia passamos 3 bancos de cachoeira.

No dia 5 terçaf. passando algumas correntes pouco importantes viemos pernoitar em uma ilhinha de areia defronte da serra do Macaco.

No dia 6 quarta-feira pelas 6 e meia da manhã partimos e as 10 h. chegamos em casa do creoulo Lauterio, donde saimos a 1 hora, entramos pelo Penicoro igarapé que se acha logo acima desta situação e fomos pernoitar no porto da tapéra de Joaquim Sant'Ana.

Quinta f. dia 7 as 7 h. continuamos a nossa tarefa, não podendo chegar à tapéra denominada S. Antonio ficamos em lugar acima duma tapera pertencente ao mesmo Lauterio, que serviu-nos de piloto e haviamos deixado na casa do mesmo para fazermos farinha, visto termos necessidade e ter ele roça. Ficando na barraca o meu compe. *A.* comecei as minhas pesquisas de malocas. Assim pois, neste mesmo dia pelas 2 h. da tarde acompanhado da gentia Anna, da Maria de Jesus, do filho de meu compe. Francisco, de João Garcia de Sena, de Agostinho Mosinho, de Joaquim Teles, José de

Paulo, do indio ou gentio Pedro, José Garcia de Souza e José da Mota — pernoitamos sobre um rochedo no meio do igarapé, ainda distante da tapéra S. Antonio.

No dia 8 sexta f. viajou-se e chegou-se pelas 10 h. em S. Antonio onde por falta de mantimentos parou-se.

No dia 9 sabbado viajou-se das 7 h. da manhã às 6 h. da tarde e pernoitou-se sobre a margem do pequeno igarapé chamado pelo gentio Ariminaiacarú (igarapé de barro).

Dia 10. Domingo saiu-se as 9 horas da manhã, às 3 da tarde encontrou-se com uma choupana dos indios e abarracou-se à margem do braço direito do igarapé acima dito às 6 da tarde.

Dia 11 segunda f. pomo-nos em caminho às 6 h. da manhã em busca duma serra, vista as 3 h. do dia precedente, que indicava estar roçada. Ah! que lisongeira esperança raiou em nossos corações, já nos pareciam coroadas as nossas penas, os nossos esforços e sacrificios, pois já se nos tinha acabado a farinha! Quanto, pois, não nos alegrou aquela serra, que ilusoriamente nos mostrava estar ali o objeto de nossas fadigas?

Chegamos à serra às 11 horas e achamos montões de medonhos rochedos que quasi não permitiam vegetação alguma, por isso de longe mostrava a aparencia de roçados. Que decepção! Que tristeza! Sem farinha por espaço de dias?!

Voltamos com os corações serrados, os nossos guias gemiam apenas entre dentes. Ao chegar na choupana encontrada seguimos subindo o rio encontramos cinco velhas choupanas, que indicavam se terem os indios retirado para mais longe, subindo ao Cuminá. A falta de farinha, muitos dos companheiros adoentados decidiram-nos a voltar e viemos pernoitar na margem do mesmo igarapé Ariminaiacurú. Era 1 h. da tarde quando abarracamos.

Dia 12 3.ª feira saimos as 6 h. da manhã e chegamos na tapera Santo Antonio as 3 da tarde. Extenuados como estavamos pela fome paramos e buscamos nas capoeiras bananas e canas, que encontramos em quantidade. Ah! minha cara patria és um paraiso e por isso desgraçadamente vegetam os teus filhos e não vivem!

No seguinte dia 4.ª feira e 13 do mês partimos as 7 h. da manhã e as 2 da tarde abraçavamos alegres os nossos companheiros, que à excepção de um que já deixamos doente, todos gozavam saude especialmente o Tte. Leonel. O unico pezar que nos acompanhava era de não termos encontrado os indios, objeto, certo, do nosso amor.

No dia 14 — 5.ª f. as 9 h. da manhã saimos do Penecúro em duas canoas cheguei com os meus companheiros em casa do creoulo

Lauterio à 1 h. da tarde e o Tte. Leonel as 3 e aí fixamos a nossa residência, encontrando de novo o Mr. Jules, que nos mostrou todo sob a hediondez de seus egoismo.

Dia 15 6.ª f. alí passou-se por ser chuvoso.

Dia 16 sabado, ficando na barraca o Tte. Leonel, e outros ocupados em fazer farinha, parti para o mato em busca de uma serra, junto da qual se nos disse achar-se uma maloca. Os companheiros foram Francisco, filho do Tte. a gentia Ana o gentio menor João Pedro, Agostinho Moisinho, José Agostinho Leandro, Joaquim Teles, José Garcia de Souza, Joaquim Porfirio dos Santos e o creoulo Lauterio. Tendo saido da barraca as 7 horas da manhã fomos pernoitar em uma baixada, bem distante da serra.

Domingo dia 17 ali passei, indo somente 4 pessoas por passeio explorar os lugares visinhos.

Dia 18 seg. f. pelas 8 h. da manhã saimos em direção quasi ao Sul, viamos algumas *cahá pépéna* não antigas, indicios que por alí andavam gentios, o que muito nos animava e pernoitamos sobre a margem de um igarapé com pouca agua, por ser ainda verão, e a que chamamos igarapé dos corvos pela imensidade de Urubú-tingas, que alí vimos e não ter ainda denominação alguma.

No dia seguinte 3.ª f. 19 do mês seguimos pelo igarapé e chegamos a grande serra as 10 h. do dia. Tem ela pouca altitude, chamam-na os indios Carauíriaí. Que magnifico horizonte estendeu-se aos nossos olhos! que belo panorama contemplamos do cimo da serra! Todavia nada vimos do que buscavamos, descemos e costeamos a serra e fomos pernoitar mortos de sede e sem agua em um capinzal já algum tanto desviado da serra.

No dia 20 4.ª f. desejando continuar a exploração até ao meio dia, já por falta de farinha, já porque nem todos os companheiros são taes, desistimos da nossa intenção e às 5 horas da tarde abraçava no Uurucurí em nossa barraca ao Tte. Leonel sempre jovial e cheio de coragem e de esperança no bom exito da empresa.

O dia seguinte 21 5.ª f. passamos alí juntos.

No dia 22 6.ª f. partimos para continuarmos a nossa exploração por canoa; comigo foram o filho do Tte. de nome Francisco, Antonio Lazaro, Lauterio, José Pires, Anselmo e a gentia, indo por terra mais três José de Souza, José Leandro e Agostinho Moisinho. Tendo desembarcado na terra preta — Tapéra do preto Toró pernoitamos à margem dum igarapé, que nos disse a gentia chamar-se Aurémeré-répê (igarapé, onde lavou-se um cachorrinho).

No dia seguinte 23 sabado as 6 h. da manhã prosseguimos o nosso caminho, as 10 h. reunimo-nos com os nossos 3 companheiros e chegamos a ponta da mesma serra acima dita. Exploramos essa ponta, que se acha a oeste e de nós ainda então desconhecida.

Subimos de novo e fomos abarracar-nos juntos mas do outro lado da serra.

No dia 24 domingo alí passou-se.

No seguinte dia 25, 2.ª f. não se tendo encontrado nem ao menos capoeira voltamos e viemos pernoitar junto de um igarapé dito do Bacabal.

Dia 26, 3.ª f. alí passamos, percorrendo os companheiros os lugares visinhos, das 11 horas em diante, quando passaram as chuvas.

Dia 27, 4.ª f. continuamos o nosso regresso e pernoitamos a margem do igarapé dito da cachoeirinha.

Dia 28, 5.ª f. percorremos diversos lugares sem encontrar cousa alguma.

No dia seguinte 29, 6.ª f. vieram por canoa os meus companheiros com a excepção de José Pires, Antonio Lazaro e José Leandro, que comigo vieram por terra, ainda investigamos os lugares, ainda por nós não vistos e as 4 e meia horas da tarde aportamos no Uurucurí sem acharmos malocas ou ao menos a capoeira, que todos nos afirmavam existir por qualquer parte desses lugares. Achei com saude a todos os companheiros, especialmente o Tte. e com isto consolei-me.

Dia 30 sabado — 31 domingo chegou Mr. Jule, que abarracou-se acima de nós pouco abaixo do igarapé denominado Rio-frio ou Agua-fria.

Dia 1.º de janeiro de 1877 2.ª f. ainda passamos na nossa barraca ocupados em nos preparar a proseguir a nossa empresa.

Dia 2 3.ª f. pelas 8 h. e meia da manhã partimos em duas canoas, indo na em que ia eu o Tte. Leonel, enquanto que os meus companheiros de viagem foram o filho do Tte. Francisco, José Pires, José Agostinho Leandro, Agostinho Moisinho, Anselmo Francisco dos Santos, o creoulo Lauterio, Sant'Ana os gentios Ana e Porfirio. Fomos pernoitar em uma ilha chamada pelos mocambeiros Ilha Grande junto da cachoeira do Mel tendo já passado no dia antecedente uma bem forte corrente.

Dia 3, 4.ª f. passamos a cachoeira do mel que se compõe de dois terriveis bancos e de correntes violentas, que nos obrigam a varar a canoa chegamos ao varador as 2 h. mais ou menos, tendo varado a nossa canoa pernoitamos pouco além do mesmo varador.

Dia 4, 5.ª f. pelas 10 h. da manhã apartamo-nos do Tte. que voltou e seguimos o nosso destino por um paranamiri, passamos 3 violentas cachoeiras e chegamos a grande cachoeira do retiro, de parte duma tapera do mesmo nome e alí pernoitamos sobre uma ponta de fina e alvissima areia. Nesta cachoeira chegamos as 3 e meia da tarde. Ao ver essa imensa extensão de massiças pedras e de elevada altura e apenas quasi pelo meio as aguas precipitando-se em violentos golfões, por onde passa-se perguntei aos guias? Por aí mesmo, por entre esses golfões responderam-me eles. Calei-me, considerando que era preciso vencer o medonho aspecto dos rochedos, as rigidas forças das aguas, que abrindo-se passagens por entre essas rochas imoveis, lançavam-se em borbulhões nesses insondaveis porões cheios de escumas. Haviam mais dois ou três caminhos ainda mais terriveis.

Dia 5, 6.ª f. tendo passado a nossa canoa no dia precedente continuamos a nossa aporfiada disputa com as aguas e pedras, apenas pudemos passar até as 5 h. da tarde 3 altos bancos da extensissima cachoeira do Pirarára,, pernoitamos em uma ilhinha que ficou sendo chamada Ilha do Lauterio, que querendo matar um enxame de cabas com a camisa, deram-lhe as cabas tantas ferroadas, que o obrigaram a cair nagua. Esta ilhinha é a 3.ª junto ao canal por onde passamos.

Dia 7 sabado pelas 7 h. da manhã começamos o nosso trabalho até as 10 e chegavamos à ilha da Gallinha, tendo passado 2 grandes bancos de cachoeira. Dalí seguimos passamos as cachoeiras da Torre e da Casinha das pedras, a violenta correnteza do Quebra digo do Bate Canela, donde já se avista a grande ilha do Tracua, do principio dela 2 estirões acha-se a cachoeira do mesmo nome, que não obstante ser alta não é tão dificil de passá-la, e pernoitamos em uma ilha pouco distante da cachoeira. Eram 5 e meia h. da tarde, quando alí chegamos. No dia seguinte Domingo e 8 do mês alí passamos, tendo ouvido o S. Sacrificio da Missa as 9 h. Dia 9 2.ª f. pelas 8 h. partimos, o rio estende-se por entre serras cobertas de castanhais e outras arvores umas cobertas de espessas folhagens, outras de flores aromaticas, vistosas e variadas, conforme a natureza das causas que as produzem. As aguas cristalinas representam em seu seio tudo o que borda as margens de seu leito. O viajante não tem um momento de tédio, as maravilhas variadas, que contempla o entretem e o anima a levar ao fim a sua viagem, esquecendo-se das penas e perigos, que arrosta. Assim pois, por entre estas magnificas paisagens proseguindo a nossa jornada ao meio dia tocamos a cachoeira dita do Severino (esta denominação de que alí se quiz situar um preto, deste nome), no fim do estirão à direita acha-se um igarapé, pouco acima um outro cuja

embocadura é uma grande enseada. Atravessamos varias correntes, as 3 meia da tarde abordamos a cachoeira das pedras brancas: é assim chamada por causa da cor d'uma grande lage a margem, que se eleva a altura de 20 metros mais ou menos; — mas em declivio suave e pouco sensivel. Na parte mais elevada da lage entre lindos pequenos arvoredos ve-se jaramacurú e diversas parasitas cujas flores representam formas as mais delicadas e embalsamam o ar de delicioso perfume. Oh! minha idolatrada Pátria, como és rica e bela e eu não te vejo nem te amo!? Deste lugar dois estirões depois chegamos a cachoeira do Taurino (é assim chamada, por ter alí adoecido um homem deste nome, o qual no delirio, com que o poz a febre, dizia que uma formosa moça o chamava que a acompanhasse. Pernoitamos em uma pitoresca ilhinha junto da cachoeira, aonde chegamos as 5 e meia.

Dia 10, 3.ª f. as 7 horas da manhã partimos passamos a cachoeira, que, conquanto não se esteja obrigado a varar canoa, é uma das mais violentas; as aguas repelidas pelas pedras dos lados vão encontrar-se no meio onde levantam-se prodigiosamente como medindo suas forças à porfia.; ela compõe-se de dois bancos. No fim do terceiro estirão depois da cachoeira, encontra-se a ilha do Brêu, aonde chegamos as 2 h. da tarde. Dali a pouca distancia tudo muda alarga-se o rio, ve-se pelas margens mangabeiras, tarumaneiros, taxizeiros e outras arvores das margens do soberbo Amazonas. Que delicia quanto ao aspecto. Cinco serras mostram-se ao longe e soberbas mostram as verdes cores das tofadas ramagens das seculares arvores que as ornam. É pouco distante dos pés delas, que passa o rio, cujas aguas mais transparentes que o mais puro vidro representam fielmente em seu seio todas as belezas de suas margens. De igarapés os mais importanes são a direita o da terra preta, que passa por traz da ponta, onde tiveram os pretos casa e chamaram ao lugar: Livramento e outro pouco acima que vai junto duma serra, o chamam igarapé do Remedio. Chegamos no Livramento as 4 da tarde e as 5 e meia em uma bela ilhinha da praia, onde dormimos, pouco acima do igarapé do Remedio.

Dia 11, 4.ª f. pelas 9 h. do dia continuamos a nossa porfiada luta contra as violentas correntes das aureas aguas do ameno Cuminá. No fim do primeiro estirão existe uma capoeira dos Mocambeiros denominada Sant'Anna; ao meio do terceiro ve-se a elegante ilha das Saúbas; adiante a ilha do Canal; encontra-se mais duas uma a direita dita ilha do Inajá, outra a esquerda denominada Sucurijo, cada qual a mais risonha pela situação, pela robustez de suas arvo-

res e aurea cor de suas praias. As 3 e meia da tarde chegamos a cachoeira das Lages, que passamos sem muita dificuldade e as 5 e meia chegamos a ilha das Barreiras e pernoitamos na extensa praia dos tracajás situada ao lado digo na ponta de cima da ilha. Cousa notavel ainda tiraram-se ovos de tracajás frescos, nesta praia.

Dia 12, 5.ª f. pelas 7 h. começamos a nossa viagem, o estirão que logo percorremos chama-se grande por sua longa extensão, de fato depois de 3 h. duma viagem regular é que chegamos no fim, onde se acha a cachoeira do Tapió com uma ilha do mesmo nome: é assim chamado por terem ali os mocambeiros encontrado casas destas cabas. Ao meio dia passamos a cachoeira da Sereia: é assim chamada, por ter ali ficado uma canita deste nome. Ve-se tambem ali um grupo de pequenas lindas ilhas, entre as quais vêm-se cascatas. As 2 horas da tarde passou-se a violenta correnteza da ponta do tocomá, onde achou-se uma pedra escoltada de figuras grotescas representando quasi figura humana. Pelo que parece não é obra do homem. Disse-me o piloto que os gentios julgam santas essas figuras e lhes rendem cultos. Neste lugar vimos jacás velhos, que tinham deixado os gentios. As 4 h. da tarde passamos a correnteza das piranhas, assim chamaram-na, porque alí abundam tais peixes. Neste lugar inumeras ilhas formam tambem um arquipelago chamado do nome da corrente. Pelas 5 h. chegamos a cachoeira do Cajuuassú do nome duma grande arvore desta fruta que ali existe. A noite que alí passamos não nos foi das mais belas já pelas chuvas, já por uma indigestão que teve o gentio, tendo nós poucos recursos e remedios.

Sexta-feira dia 13 do mês pelas 7 h. da manhã as cristalinas e aureas aguas já conhecendo o peso dos vigorosos braços dos tripulantes debalde encrespavam-se impetuosas contra a delgada proa do nosso *Desengano das aguas dos Cuminás*, que faceiro transportava a Jesus e Sua Santissima Mai, cujas bençãos superabundavam sobre nós.

Ás 9 h. passamos a violenta correnteza da Pedra Branca; assim chama-se do nome duma ilha formada de pedras de cor branca e ao meio-dia chegamos a ilha do Moquêm, a 1 e meia a ilha do Sumauma, à 2 h. a dos Bentevís as 3 a ilha comprida, junto a ponta desta acha-se a ilha do Taxi, que é começo do arquipelago do Tarumã. As 5 da tarde abordamos na pequena ilha da Linha, tendo passado antes uma corrente denominada Coatá. É esta corrente assim chamada bem como a ilhinha junta, porque alí acharam um macaco. Este nome e a ilha da Linha, por ter uma piranha aí cortado com os dentes a

linha dum pescador. Esta ilha acha-se pouco abaixo da boca do igarapé dito Aimaráiucúru ou Pauána.

Sabado 14 as seis da manhã embarcamos, as 6 e meia passamos a boca do Pauana, que fica a direita do rio, as 7 atravessamos o arquipelago da Cuia, assim chamada, porque entre essas ilhas a corrente arrebatou uma cuia ao que tirava orgira. As 11 chegamos a ponta da Sucuba do nome duma arvore deste nome que alí existe — as 2 da tarde passamos a correnteza das Andorinhas: deste lugar se avista ao longe azuladas serras e as correntes anunciam que aproxima-se a grande cachoeira da Paciencia; as 3 chegamos a boca do igarapé do Castanhal, do nome da serra, que lhe deu nascença, as 4 passamos a ilha das cobras; deram-lhe este nome porque dizem os gentios que em um poço junto dela se acha uma serpente; as 5 e 1/2 portamos na extrema e aprazivel praia da ilha do Fernandes; é uma pitoresca ilha de terra firme, que se acha no meio do rio, dela se avistam já perto três serras que ocasionam a cachoeira da Paciencia, seu nome vem de que alí expontaneamente quiz ficar um velho de nome Claudio, como que em degredo.

Domingo 15 aí passamos o dia gozando da salutar frescura duma suave briza do norte; d'amena situação da encantadora ilha com sua deliciosa praia; da variada perspectiva do indescritivel quadro, que nos ofereciam os diversos e belos lugares, que nos cercavam. Nas margens do Cuminá grande não se experimentam as sensações de tristeza, que de ordinário causam as brenhas sobretudo a tarde ao ouvir o cantar das aves, pelo contrario esses gorgeios e trinados juntos, que fazem ouvir os outros animais recreiam, deleitam e cativam; de sorte que tudo inspira uma satisfação inexplicavel.

Dia 16 seg. f. pelas 6 e meia da manhã deixamos a formosa ilha, que nos tinha abrigado e novas impetuosas correntes acostumadas a sossobrar os esquifes dos mocambeiros e gentios em vão batiam espumosas e retorcidas contra a prôa do Desengano do Cuminá, que faceiro cortava-os e saltava os cabeços dos rochedos zombando assim do impotente furor do seu terrivel competidor, qual o peixe do oceano, que na mais tremenda tempestade recreia-se a despeito do brutal furor das encapeladas ondas. As 8 h. passamos a ilha do Aluani e 15 minutos depois vimos os vapores das aguas que se elevavam ao ar encostamos, sairam os pilotos a examinar o caminho; sai igualmente na mesma direção que eles vi que estavam perto de 3 horriveis bancos da cachoeira Azuada; neste lugar pouco difere da que ouviamos na ilha de Fernandes. O estirão que precede a cachoeira vai ao nascente, é o unico que tem esta direção, porque a direção de

todos que temos percorrido é ao nordeste e norte — a direção do estirão, em que se acha a cachoeira é quasi ao nascente. Da hora em que abordamos até as 4 da tarde fixamos 2 bancos, abarracamos em ponta de pedras e areia, e ficou o lugar sendo chamado — Ponta da alegria e fica pouco distante do 1.º banco.

Dia 17, 3.ª f. pelas seis e meia da manhã achamo-nos logo a braços com uma violenta pancada de chuva e as 9 h. chegamos a cachoeira do Jacaré: assim chamada por se ter aí morto um jacaré. Terrivel força dagua, que para passá-la é preciso varar canoa por sobre pedras n'altura de 15 a 20 metros mais ou menos; a 1 da tarde tinhamos com efeito passado a formidavel fortaleza. Dalí em diante calando muitas violentas correntezas merece especial menção o banco da escada já pouco abaixo da imensa e formidavel cachoeira do Resplandor. As 3 e meia da tarde, chegamos as ilhas do Resplandor, ouviamos zuada por toda a parte, abordamos na ilha do meio, passamos as nossas bagagens; porem já não tivemos tempo de passar a canoa, e pernoitamos em uma formosa ponta de belissima praia que se acha já além das cachoeiras.

Quarta f. 18 pelas 7 h. fomos passar a nossa canoa e vimos a dificuldade que convinha vencer, as formidaveis forças com que tinhamos de nos medir. A cachoeira compõe-se de três bancos, entre o segundo e o terceiro subindo ve-se em uma imensa parede de pedra três figuras representando todas resplandor com raios bem visiveis, parece não ser obra do homem e sim da natureza, por isso que não se vê golpe algum, os traços, que formam as figuras, são bem lizos como que formados com a mesma pedra. O terceiro banco da cachoeira tem 20 a 25 metros de altura mais ou menos, é quasi escarpado, por isso tem uma força prodigiosa e o que a torna ainda mais formidavel é que as pedras são massiças e lizas, que não se pode puxar a talha nem quasi com as mãos; mas o homem é sempre homem, na esfera do seu domínio tudo faz querendo: assim, pois, as 2 horas da tarde galgamos a iminencia seguimos e chegamos as 5 horas na cachoeira grande: é assim chamada o maior banco de que se compõe a cachoeira da Paciencia.

Dia 19 5.ª f. as 6 e meia da manhã começamos o nosso trabalho. A violencia das aguas da cascata conquanto seja uma das mais medonhas, pois que vem duma altura de 30 a 40 metros mais ou menos todavia não tão dificil passa-la, pode puxar-se a canoa tanto a mãos como especialmente a talha; por isso ao meio dia nos achavamos já livres do perigo além desse monstro inanimado. As 2 h. da tarde passamos uma outra cachoeira, as 3 outra; todas nada são em com-

paração da primeira, conquanto sejam bem violentas; as 4 chegamos a boca do Urucúiana, cuja largura e corrente indicam não ser o igarapé de curta extensão. Na boca do Urucuaiana ao lado direito acha-se a ilha das lontras; assim chamada porque não ha alí um só lugar que não seja morada desses animais; da outra banda no rio ao lado direito vê-se igualmente uma ilhita de areia e pedras denominada ilha do Saquinho, porque aí perdeu-se somente durante a noite um saquinho d'isqueiro: foi nesta ultima que pernoitamos e pescamos muitos peixes.

Dia 20, 6.ª f. pelas 8 h. da manhã embarcamo-nos. A não ser a beleza das margens e as vistas pitorescas das serras nada vimos que mais nos impressionasse. Pouco abaixo da ponta de Bacabal, onde pernoitamos, notei que já as arvores não são tão altas, mas esta diferença é pouco sensivel.

Dia 21, sabado, viajamos logo as 6 da manhã. A diferença da vegetação cada vez mais se tornava notavel, ao meio dia chegamos a boca dum igarapé grande denominado Murapí ou Murapiche, tendo antes passado as 7 da manhã uma outra boca desconhecida dos pilotos, a que chamamos igarapé do Zarandubal; este como o Murapiche ficam a direita. As correntes das aguas são mais brandas de ordinario sobre leitos mais iguais de finas e aureas areias. Mais junto das margens vêm-se quasi sempre palmeirais, que se extendem ao comprimento do rio. Vê-se tambem aqui, acolá pelo rio grandes rochedos, que são somente recreiam pelas formas diversas, que apresentam, como sobretudo por serem repousos dos tracajás que as mais das vezes do meio dia ás 3 horas da tarde cobrem essas pedras expondo-se ao sol.

As 2 da tarde encontramos uma anta com agua até as costas, que deixando-nos quasi tocar nela foi vitima de sua temeridade, por que obrigou-nos a dar-lhe um tiro e perdeu a vida. Pouco adiante deste lugar achamos uma jabóta atravessando o rio e nela ao vê-la recordei-me desta verdade: De vagar se vai ao longe. As 4 da tarde passamos a Cachoeirinha e as seis chegamos a uma ilhinha de praia e pedra onde abarracamos e encontramos não muito velhas barracas dos gentios. Esta ilhinha ficou sendo chamada Ilha da Boa Esperança.

Dia 22, Domingo aí ouvimos Missa e passamos o dia.

Dia 23, 2.ª f. saimos as 5 da manhã, pelas 6 passamos a boca do Igarapé grande, as 11 a do Omarára, ao meio dia chegamos a praia da Linha (assim dita porque aí esqueceu-se duma) pouco adiante acha-se a correnteza do de páus secos, as 4 h. chegou-se â 1.ª casa

dos indios e a tapera do defunto Jeronimo e pernoitamos em uma ilhinha abaixo algum instante da velha maloca dos indios sobre o rio.

Dia 24, 3.ª f. sendo chuvoso somente pude sair as 9 h. da manhã as 9 e meia cheguei a capoeira, que era outrora a velha maloca. Mandei observar, porque muito se demorassem os observadores, sahi eu mesmo, soube que tinham encontrado um caminho, que o tinham seguido; mas que tinham voltado duma certa distancia. Acompanhado dos mesmos puz-me na estrada e as 2 da tarde estava na maloca, mas infelizmente, não estavam ahi seus donos, voltei e as 5 da tarde abarracamos em uma ponta da praia, tendo antes passado a cachoeirinha das onças. O rio cada vez mais se vai estreitando.

Dia 25 (jan. de 77) 4.ª f. as 7 da manhã vimos o 1.º lavrado dos campos. Ao olhar um pouco de longe não se divisa senão o verde das relvas, que extendendo-se em altura uniforme por sobre planos, colinas e outeiros convidam ao viajante a prestar atenção e a contemplar de perto o que em confusão vê de longe. Não podendo resistir a esta tão maviosa voz desembarquei, mas sendo já 5 da tarde, foi-me preciso de novo embarcar para cuidar na viagem e fomos abarracar sobre o rio ao pé duma colina completamente campo e lavrado, pois a exceção do cajuí não se vê aí uma outra vegetação.

Dia 26, 5.ª f. pelas 7 da manhã o nosso faceiro Desengano sulcava rapido as cristalinas aguas do rico e pitoresco Cuminá. Já se não vêm altas paredes represando as aguas, para as depois deixar cair em golfões cheios de borbulhões e escuma; mas correntes, posto que rapidas, brandas e iguais. Das 8 h. em diante tocamos uma grande ilha a esquerda, que faz com que o rio siga como antes entre matos. Até aqui os campos, que dão sobre o rio e somente da parte esquerda, isto é, ao nascente. Assim somente as 3 e meia da tarde é que percorremos a extensão da ilha, que ficou de nós chamada ilha grande do Aborrecimento e chegamos nos campos de ambos os lados do rio. As 4 horas fronteamos a um formoso outeiro, não longe do qual passa um igarapé com cachoeira, o qual chamamos igarapé das Borboletas. E que belas e em que quantidade vimos na bôca deste igarapé, onde pernoitamos, tendo ali abarracado as 5 da tarde. Nesta mesma hora com 3 companheiros fui passear; subi 2 outeiros todos campos tendo antes atravessado lindas baixadas, algumas com miritizais, mas todas cobertas de viçosas e verdejantes relvas proprias para pastagem de gado vacum e cavalar. Os capins mesmo de sobre as colinas e serras são verdes e viçosos. O vento que de ordinário reina nestas alturas é norte, tempera de tal maneira o ar, que oferece um clima semelhante ao do meio-dia da França à estação da primavera.

Dia 27, 6.ª f. pelas 7 h. continuamos a nossa derrota; os campos, que de ordinario descem a margem do rio, são os da margem esquerda. Passamos uma cahoeirinha e pernoitamos sobre uma bela ponta de praia abarracando-nos ahi as 4 da tarde por ser dia chuvoso.

Dia 28, sabado, sahimos logo as 6 e meia da manhã fizemos uma longa jornada. Os campos que descem a margem do rio, são sempre os da parte esquerda; passamos mais uma pequena cachoeira abarracamo-nos as 5 da tarde a margem esquerda do rio, defronte de três outeiros que ficam do mesmo lado, onde deixamos inscrição.

Dia 29, Domingo, depois do Santo Sacrificio da Missa descemos um pouco do lugar do abarracamento, portamos e fui aos tres outeiros, donde vi a direção do rio sempre ao N. e cadeias de Serras o que me persuadiu pertencerem as cordilheiras.

Não encontrando indicios de gente e faltando-me farinha resolvi voltar e gravei em uma grande pedra a margem uma inscrição indicando quem eramos, a data e época. Este é pois o dia primeiro da nossa descida. Viemos pernoitar na ilha do Japiim defronte de duas verdejantes serras.

Dia 30, 2.ª f. continuamos a nossa viagem logo as 6 da manhã viemos pernoitar na Ilha grande do aborrecimento, abarracando-nos alli as 5 da tarde por causa do dia ser chuvoso. Esta ilha tem mais ou menos duas leguas de extensão: é coberta duma vegetação gigantesca.

Dia 31, 3.ª f. pelas 7 h. da manhã continuamos a apreciar o imenso horizonte, as colinas e serras e outeiros, os extensos prados, todos matizados de mimosas flores e viemos pernoitar no mesmo lugar entre as duas capoeiras das antigas malocas, onde tinhamos abarracado quando subiamos.

Dia 4.ª feira e 1.º de Fevereiro logo as 6 da manhã partimos e as 10 h. do dia chegamos ao porto da velha maloca de baixo, sendo o dia muito chuvoso e faltando-nos mantimentos, fomos abarracar um pouco abaixo onde apenas tivemos tempo de nos procurar alimento caçando e pescando.

Quinta f. dia 2 por causa de muita chuva somente as 9 h. é que pude sair com 7 pessoas para a Maloca, que se acha desviada da margem 3 horas mais ou menos de viagem, e onde os gentios têm suas plantações, por isso que habitam tanto a margem como no centro e tendo-se eles retirado para os campos, como de costume fazem anualmente, colheram as plantações das margens, deixando algum pouco no centro; todavia achamos no centro bananas já em quantidade e trouxemos para remir a nossa necessidade bananas, 3 quartas

mais ou menos de farinha, folhas de tabaco, um pouco de algodão, 2 panacús com mandioca, deixando nos lugares dos objetos mercadorias equivalentes ao que traziamos. Afirmaram-nos os pilotos que ficariam muito satisfeitos, penalizados somente por nos não terem falado. As 5 e meia da tarde chegamos de volta em nosso abarracamento.

No dia seguinte pelas 7 h. continuamos o nosso regresso, já tendo passado a Espera da garrafa, abaixo da boca do Igarapé grande, não contavamos encontrar abrigo senão junto a Pequena-Cachoeira, mas temendo a escuridão da noite e sobre tudo aguçadas cabeças dos rochedos pelo rio, encontramos em uma pequena lage, que é porto duma magnifica pousada, por isso chamamos a esta ponta — *Espera não esperada*. Era dia 6.ª f. 3 do mês.

Sabado dia 4. Deixamos o pitoresco lugar do nosso abrigo e as 6 e meia da manhã, as 8 passamos a boca dum grande afluente denominado Murapí, que despeja uma agua negra, não obstante o seu leito ser pedra e areia; as 11 passamos a espera do Bacabal onde pernoitamos, quando subimos; as 2 da tarde um rijo vento norte inchava as velas do nosso Desengano das aguas do Cuminá, que rapido percorria a imensa extensão do estirão do bom bocado; acha-se este estirão pouco acima da boca da estrada, que fizeram os gentios, para evitarem as cachoeiras da Paciencia. As 4 da tarde abordamos na Ilhinha do Saquinho defronte da boca do Urucuiana, onde subindo tinhamos pernoitado.

Domingo 5 aí passamos.

Dia 2.ª f. ahi igualmente passamos preparando a nossa canoa. Era 5 do mês.

Dia 3.ª f. 6 as 6 e meia da manhã partimos. Se na época, em que subimos, estando seco o rio, as cachoeiras eram espantosas, como não é hoje que está o rio bem crescido? Por onde era terra precipitam-se as aguas com medonho ruido. Todavia era preciso viajar e quando foi as 5 e meia da tarde estavamos abarracados no meio da cachoeira que fica ao lado esquerdo da Ilha do Resplandor.

No dia seguinte 4.ª f. e 7 do mês as 9 da manhã começamos o nosso trabalho, passamos a nossa canoa as 11 horas e proseguimos a nossa jornada, as 2 da tarde tinhamos passado a cachoeira do Jacaré e viemos ficar junto do grande banco, que começa a cachoeira da Paciencia e ao qual denominamos Banco da bala; porque aí achei e tirei uma pedra, bala completamente quanto a forma. O lugar da nossa pousada cujo solo é areia, fica encoberto por algumas seringueiras, acha-se na enseada a esquerda do rio.

Dia 5.ª f. 8 do corrente pela 7 h. sahimos e logo medindo com o formidavel Banco da bala, conduzia-se a nossa bagagem, quando por um desses atos de Deus, sempre Pai Carinhoso encontramos os que nos levavam socorro graças os cuidados do Tte. Leonel. Ah que alegria! Pois já não tinha farinha senão para esse dia.

As 11 horas já livres do estorvo olhavamos contentes as belas margens que já pelo vigor dos remos já pela força da corrente, pareciam correr para traz a ocultarem-se as nossas vistas. Ao vêr de novo essas apraziveis margens, tão belas posto que incultas, a certe za de que as ia deixar: esta ideia exprimia em meu pobre coração a negra tinta da saudade e mesmo da tristeza; mas enfim a esperança, esta amiga consoladora dos mortaes, veio igualmente mitigar a minha pena, persuadindo-me de que já não está muito longe o tempo em que meus concidadãos virão fruir destes incomparaveis presentes, que lhes preparou e lhes oferece a natureza.

As 5 e meia da tarde abordamos na ilha da Cutia acima da boca do Pauána, para quem desce é a primeira que forma a Peninsula da Cuia e aí pernoitamos.

Dia 8 6.ª f. Pelas 8 da manhã continuamos a nossa viagem, depois de nos ter encomendado a S.S. Virgem. As mesmas horas do dia antecedente digo as 9 passamos a boca do Pauaná, os gentios que alí habitam são os da tribu da gentia Ana; mas tendo certeza que muitos deles foram vistos no Rio Grande, não quiz entrar no Pauaná, pode ser estejam para o Rio Grande, visto o curto espaço de tempo, em que foram encontrados no Rio Grande. Passamos pela cachoeira do Caju-açu as 4 da tarde e viemos pernoitar em uma ilha mistica a ilhinha da Barraca pouco acima da Cachoeira da Sereia. Nesse lugar abordamos as 5 e meia da tarde.

Dia sabado 9 as 7 da manhã embarcamos, as 11 passamos pela ilha da Barreira, onde subindo tinhamos abarracado; as 4 da tarde passamos pela ilha do Tocumá, tambem lugar do nosso abarracamento, quando subiamos; as 6 da tarde chegamos a ilhinha da Panela sem fundo, que dista dois grandes estirões da bela ilha do Tocumá.

Domingo 10 do mês passamos o dia na dita ilhinha.

Segunda feira dia 11 pelas 8 da manhã começamos o nosso trabalho diurno ora arrastando as canoas por sobre pedras, fugindo assim a violencia das aguas, ora entregando-as a impetuosidade de suas correntes ora sustentando-as para não serem arrojadas contra aguçados e medonhos cabeços dos rochedos.

Assim, senão com a mesma dificuldade; mas com mais perigo do que quando subimos vim este dia abarracar na ilha, pouco acima da cachoeira do Tracuá as 5 e meia da tarde.

Terça f. dia 12 partimos as 7 da manhã e logo barrou-nos a passagem o Tracuá, mas o nosso Desengano mostrou-lhe incontinente que tão habil era em atacar como em defender-se não somente pela frente como pela retaguarda. Assim, pois, sempre vitorioso, aportou triunfante o Desengano na ilha do Ralo, a qual se acha no meio das terriveis cachoeiras do Pirarara, pelas 4 h. da tarde.

Dia 13, 4.ª f. as 7 da manhã continuamos a nossa porfiada luta e as 2 da tarde saltamos cheios de alegria na ponta do Varador, onde pernoitamos.

Dia 14, 5.ª f. ficando para vir na canoa maior outros, parti na menor com três pessoas adiante para ver uma serra a mais alta, que se acha por traz da capoeira dita. Pernoitei junto da dita serra.

Dia 15, 6.ª f. logo as 6 da manhã puz-me a caminho regressando e a 1 h. cheguei ao Urucuri, chegando pouco depois outros companheiros.

Dia 16 sabado aí passou-se descançando e preparando a igarité.

Dia domingo 17 faltando-nos mantimento descemos, diligenciando-o e pernoitamos em uma ilha defronte do Igarapé grande e da boca do Pindobal.

Dia 18, 2.ª f. continuamos a nossa viagem e chegamos a cachoeira do inferno as 11 do dia passaram-se as canoas e bagagens e ahi pernoitamos.

Dia 19, 3.ª f. não obstante as dificuldades viemos prosperamente pernoitar na velha barraca de Mr. Caillat.

Dia 20, 4.ª f. Partimos as 7 h. da manhã e alcançamos as 8 da noite a casa do Velho Claudio, onde ficamos.

Dia 21, 5.ª f. Alí fiquei para tomar um vomitorio com um outro dos meus companheiros.

Dia 6.ª f. 22 do mês continuei a minha estada.

SEGUNDA VIAGEM AO CUMINÁ GRANDE EM 1877

O amor é certo; essa força misteriosa, que excitando no homem o desejo da posse de um objeto, o impele, o conduz com os olhos fitos no desejado, de tal sorte que nem tempo, distancia, malicia de outros, necessidade, perigos mesmo, numa palavra, nem toda a dificuldade é capaz de distraí-lo um momento; todo possuido do objeto que aspira, caminha dum passo firme e diligente através as sarças e espinhos de toda a especie, por entre os animais ferozes, as serpentes venenosas, rochedos escarpados e ponteagudos que povoam os centros como por sobre finas e brancas areias, varridas estradas verdes e esmaltados prados, que embelezam as margens e encantam os olhos dos espectadores. É que o amor, cuja voz melodiosa transporta, cujas palavras não somente convencem a razão, como tocam o coração e exaltam a imaginação o tem ferido e levado sobre suas asas aveludadas, não lhe permitindo um só repouso, senão na posse do objeto amado. Não é pois de admirar que tendo eu tentado uma viagem a este grande rio em 25 de 9br.º de 76, tivesse de fazer uma segunda em 11 de 8br.º de 77, dia em que sahi de Óbidos, sede de minha cara e idolatrada Parochia, em uma galeota, propriedade do Snr. Tte. Leonel da Silva Fernandes. Meus companheiros foram o Dr. João A. Luiz Coelho, Joaquim d'Azevedo Bontis, Antonio Leonardo da Cruz, Joaquim Cosme, Francisco Marinho Fernandes e o indio João Gomes de Souza. Chegamos ao Uruá tapera pelas 4 da tarde e ficamos, tendo de mandar avisar um companheiro o Sr. José Joaquim Figueiredo, que ainda existia em sua casa.

12, 6.ª f. Tendo chegado o Sr. Figueiredo com duas canoas trouxe em sua companhia Francisco José de Figueiredo, filho do mesmo e Antonio Pedro Baptista. Pelas 4 da tarde, deixamos Uruá-tapera. Ao partir meu pobre coração não poude deixar de encher-se da negra saudade, pois entre os filhos que deixava, via tambem minha velha mãe; mas era imperioso ceder a força do dever. Com o riso nos labios, contente contemplava de novo a sedutora perspectiva das

margens do incomparavel Trombeta, cujas aguas já vencidas pela primeira vez pareciam pretender vitoria nesta segunda viagem. As duas canoas do Sr. Figueiredo, partiram antes de nós, bem assim o mulato Sant'Ana que tambem levou alguma carga nossa, tendo embarcado no lago Sumaúma a Anselmo Francisco dos Santos, chegamos em casa do Sr. Tte. Leonel na boca do Salgado as 9 h. do dia pouco mais ou menos: o Sr. Figueiredo, o Sr. Dr. e eu que juntos viemos em a galeota. Assim terminado ahi o dia 13 (sab.) no dia 14 (dom.) ouvimos o S. Sacrificio da Missa e a 1 h. da tarde partimos em 4 canoas: na galeota comigo ia o Sr. Dr. Joaquim d'Azevedo Bentis, Antonio Leonardo Cruz, Joaquim Conne, Anselmo Francisco dos Santos, Maximiano Arara; em outra do Sr. Leonel e com o mesmo iam o Sr. Figueiredo, Marcos Careca, Joaquim do Timbó e Gabriel Moisinho; numa do Sr. Figueiredo Antonio Pedro Baptista e o indio João Pereira de Souza; noutra o filho do mesmo e Ignacio de Macedo e Castro; as quais seguindo o canal do Jacuman e nós o do Jaruacá, pernoitamos a bordo encostados a uma praia a margem do Igarapé.

15 (2.ª f.) as 7 e 1/2 da manhã fronteavamos a boca do Jaruacá aonde entraram o Tte. com o Sr. Figueiredo, seguindo eu com o Sr. Dr. chegamos as 11 h. em casa dum velho de nome Claudio e mais tarde os Srs. Tenente e Figueiredo, trazendo o português Joaquim Alves e a india Anna Maria com o filho menor de nome Manoel.

No dia 17 (4.ª f.) partimos assim distribuidos: na galeota pela manhã seguiram o Tte., Dr. Joaquim Cosme, Luiz, Antonio Cruz, Joaquim Bentes, Gabriel Moisinho e Anselmo dos Santos; numa montaria do Sr. Tte., foram o Marcos Careca, Joaquim Alves, Antonio do Timbó e Maria com o filho; numa do Sr. Figueiredo, Antonio Baptista, Ignacio Castro, Joaquim Bentes Sant'Ana; em outra fui eu, o Sr. Figueiredo, o filho do mesmo, os pretos Antonio Salgado e Benedito Antonio de Souza que com o Sant'Ana embarcaram-se na casa de Claudio, donde partimos já as 2 da tarde; todavia juntos pernoitamos na Poraquêcuára, onde já achamos os índios Proprio e João, que acompanharam ao mulato Vicente a quem tinhamos pedido por falta de comodo, que levasse uma parte da nossa farinha. Neste lugar embarcou mais o preto Lauterio.

18, 5.ª f. Pelas 7 da manhã seguimos e chegamos ao tronco das cachoeiras pelas 11 do dia e já ahi achamos Felippe e Antonio d'Oliveira e Manoel Vicente, tambem nossos companheiros; porem haviam vindo pelo Cuminá-mirim. Reunidos na abandonada choupa-

na do francês Mr. Caillat, passamos o resto do dia e o seguinte 19 (6.ª f.). O Sr. Figueiredo, porém, neste dia expediu uma sua montaria para passar alem das Cachoeiras serviço que foi incumbido ao Sant'Anna, Antonio Baptista, Benedito de Souza e Manoel Vicente.

20 (sab.) Começou-se a viagem de terra assim distribuidos: Acompanharam a condução das bagagens o Tte. Leonel e o Dr., ficando a confecção da picada a meu cargo e do Sr. Figueiredo, levavamos conosco o preto Antonio Salgado, Joaquim Cosme e Anselmo dos Santos. Fomos nos os da picada noitar atraz da cachoeira do inferno em uma baixada denominada do Coatá.

21/dom.) Chegamos a cachoeira pelas 8 da manhã e aí passamos o dia 22 (2.ª f.). Tendo ajudado aos nossos companheiros a passar a canoa voltar a continuar a nossa picada, duas h. distante da cachoeira e fomos pernoitar junto e ao sul da alta serra do Sarnaú.

23/3.ª f.) Continuando passamos com a picada pela frente da serra buscamos o rio, aonde chegamos as cinco da tarde e pernoitamos na ilha do Surubim acima da cachoeira do mesmo Inferno.

24 (4.ª f.) Margeamos o rio e pernoitamos sobre a cachoeira do Cajual.

25 (5.ª f.) Proseguindo, encontramos pelas 10 h. com os da canoa, que tendo chegado no Igarapé Grande, de lá traziam uma picada a nos encontrar como se havia convencionado, e juntos com estes chegamos as 11 h. ao Igarapé Grande, onde ficou e pernoitou o Sr. Figueiredo com os da picada, voltando eu com os da canoa e vim pernoitar na ilhinha do Cacáo fronteira a ilha do Surubim.

26 (6.ª f.) O Sr. Figueiredo continuando a picada foi abarracar-se em um lugar dito Fortaleza, e eu vindo a barraca onde se achava o Tte. e o Dr. fui com este ver a serra do Carnaú e viemos pernoitar na ilha do Surubim, enquanto que o Sr. Tte. que veio por outra picada, não alcançando o rio, dormiu na baixada do Coatá.

27 (sab.) Tendo chegado o Sr. Tte. fomos pernoitar a margem direita do rio em uma enseada entre a ilha do Surubim e a cachoeira do Cajual, e o Sr. Figdo. chegou ao Macaco, sitio de Taurino, pouco acima do igarapé dito Sucumaúna, donde não se retirou, senão para seguir aos centros.

28 (dom.) O Tte. o Dr. comigo proseguindo fomos dormir sobre a cachoeira do Cajual, onde chegamos as 3 da tarde e a canoa, que conduzia as bagagens ao Macaco e devia para ali levar o Tte., chegou já as 6 da tarde.

29 (2.ª f.) Não tendo embarcado o Sr. Tte. embarquei-me, e cheguei ao Macaco, ficando ele e o Sr. Dr. que foram dormir na

boca do Igarapé Grande. Não retirei-me mais deste lugar, senão para os centros.

30 (3.ª f.) Passaram o Sr. Tte. e Dr. na boca do Igarapé Grande, donde sahiu o Sr. Dr. a 2 de 9br.º e chegou no Macaco e o Sr. Tte. sahiu a 3 (sab.) e tambem chegou ao Macaco, onde já estava reunida toda a bagagem, porem alguns companheiros, só chegaram no dia seguinte pela manhã.

4 (dom.) Estando reunidos, ouvimos o S. Sacrificio da Missa.

5 (2.ª f.) Ficando no Macaco o Tte., Dr. e Marcos Careca, Joaquim Alves, Luiz, Manoel Vicente, Maximiano e Lauterio, que de lá voltou para casa, partimos para os campos o Sr. Figueiredo, eu, Francisco de Figueiredo, Joaquim Bentes, Antonio Baptista, Antonio da Cruz, Felipe d'Oliveira, Ignacio Castro, Joaquim Cosme, os indios João Porfirio, Anna com o filho, Joaquim Sant'Ana e os pretos Antonio Salgado e Benedito. Tendo retirado do Macaco toda a nossa bagagem para a margem do igarapé Sumaúma cuja direção é N.E. e E. que já por algum tempo margeamos, pernoitamos em um lugar pouco distante da nossa bagagem o qual ficou chamado Iacami, nome dado pelos primeiros que passaram.

6 (3.ª f.) Saimos passando uma serra e fomos pernoitar à margem do terreno que ahi é admiravelmente plano, por isso chamamos o lugar do repouso Dormitorio da planicie — a nossa bagagem, porém, ficou pouco atraz, o que motivou que ahi ainda passassemos a noite seguinte do dia 7 (4.ª f.). O curso deste igarapé não tem nem pode ter toda a beleza do Grande Cuminá, toda a bonança e prazer, mas como o Cuminá é ele extenso, tem cachoeiras, a vegetação que cobre suas margens é a mesma, a mesma fertilidade de seu solo, a abundancia de aves e de outras caças. Quanto aprazivel é ver-se em tempo de verão os peixes pelos poços, especialmente as trairas extendidas sobre areias no fundo duma agua cristalina! Apenas mal sentem um movimento nagua que se lançam esfaimados para essa parte, procurando devorar essa causa sem temor algum.

8 (5.ª f.) pernoitamos em um lugar, que denominamos dormitório do Jenipapo, por ahi se achar uma arvore deste nome; e porque embaraçou-nos o mau tempo, não se poude transportar toda a bagagem e tivemos de ahi pernoitar a noite seguinte de 9 (6.ª f.).

10 (sab.) Proseguindo passamos pela ponta de duas serras sobre o igarapé e dormimos na terceira coberta de castanheiras e precedidas dum corrego por isso chamamos dormitório da Ponta da Serra.

11 (dom.) 12 (2.ª f.) Sahimos já tarde, todavia a picada passou cinco serras e conduzindo-se a bagagem uma boa extensão pelo iga-

rapé mesmo, fomos pousar no meio do igarapé sobre o quarto banco da cachoeira, onde reunimos toda a nossa bagagem.

13 (3.ª f.) Puzemo-nos em marcha as seis e meia da manhã, passamos uma cachoeira muito maior que as precedentes, pois teria mais ou menos 15 m. de altura a qual denominamos do Socó, por se ter ahi morto uma ave deste nome. Fomos nos abarracar a margem do rio pouco antes da ponta duma serra, e ficou chamado o lugar da pousada — dormitório da salsa — por ahi se achar um pé deste vegetal.

14 (4.ª f.) Dalí margeamos um pouco, passando pela ponta duma alta serra a mesma acima dita, até frontear a um banco de cachoeira. De lá porque o igarapé seguisse à E. desviamo-nos dele ao centro, tendo passado 3 altas serras, pernoitamos no centro em uma baixada e chamamos o lugar do repouso dormitorio do socorro, por nos ser necessário ajudar os condutores das bagagens.

15 (5.ª f.) Continuando a nossa tarefa transpomos uma alta serra, passando pela ponta duma outra, chegamos ao igarapé que margeamos um pouco e pernoitamos na margem direita sob uma arvore de cajuaçú, por isso chamamos o lugar — dormitorio do Cajuaçú.

16 (6.ª f.) Pelas 7 da manhã puzemo-nos em marcha até a um banco da cachoeira, onde o igarapé tomando outra vez a direção E. e o nosso rumo sendo 20 ao N. desviamo-nos dele nesta direção: todavia pernoitamos em sua margem aonde chegamos já as 4 da tarde; este lugar ficou chamado — dormitorio do Jacú. Matou-se com efeito ahi duas destas aves.

17 (sab.) Neste dia passamos 6 serras margeando o igarapé as duas ultimas mais altas e pernoitamos a margem direita, onde ouvimos Missa e passamos o dia 18 (dom.). Este lugar ficou chamado dormitorio do anzol recobrado, porque pescando-se, uma traira cortou com os dentes a linha, levou o anzol, porem, lançando-se n'agua um outro, foi a mesma puxada e achou-se no ventre o anzol perdido.

19 (2.ª f.) Deste lugar o igarapé toma a mesma direção acima dita de E. e seguindo o nosso rumo desviamo-nos dele ao centro, passamos 4 serras as duas ultimas mais altas, descemos em um igarapé, que por ser um pouco estreito, nos fez suspeitar que não era o Sumaúma, como já era tarde dormimos á margem direita sob uma grande sumaumeira, e chamamos o lugar — dormitorio do Macaco espantado.

20 (3.ª f.) Muito cedo examinando-se o igarapé, verificou-se que não era o Sumaúma, mas um braço dele com direção ao N. O.:

enquanto que o Sumaúma que não dista deste lugar, segue sempre a E. Proseguindo nesse rumo, numca mais o vimos e depois de passar 5 serras duma altura média descemos a um vasto plano, cortado por um regato quasi totalmente seco, em cuja margem abarracamos, e ficou chamado o lugar do abarracamento — dormitorio da baixada grande.

21 (4.ª f.) A hora do costume puzemo-nos em marcha, atravessamos o vasto e pitoresco plano, depois subimos duas serras d'altura média, descemos a um corrego com poços com agua, e ahi pernoitamos e chamamos este lugar — dormitorio do porco, por se ter ahi morto dois destes animais.

22 (5.ª f.) Neste dia passamos somente duas serras: a ultima é sobretudo enfadonha, pela altura, comprimento, pelos frequentes regatos sem agua: muitos dos quais cheios de rochas e cipoais, o que torna a marcha dificilima. Pernoitamos ao O. dela em assaizal, onde encontramos agua, cavando.

23 (6.ª f.) Não obstante a sede, pois a agua achada era pessima, tinhamos força para transpor serras ainda as mais altas, quais as que passamos neste dia em numero de seis. A 3.ª sobretudo era composta de rochedos imensos e escarpados; alí pareceu-me ver um desanimo nos picadores, não sei si era natural ou fingido. Tomando a dianteira, subiu-se a serra, fiz dobrar a picada, que tomou então a direção N. Pernoitamos em uma baixada de tabocal, onde tambem houvemos agua cavando, porem melhor que a precedente. Ficou este dormitorio chamado do tabocal.

24 (sab.) Quanto mais escabroso se mostrava o terreno, tanto mais firmes e intrepidos caminhavamos, que me parecia uma porfiada luta com o elemento; pois até as cinco da tarde tinhamos passado seis serras a 1.ª e a ante-penultima bem altas. Descemos enfim em uma baixada, onde encontramos sob altos e formidaveis rochedos uma fonte d'agua tão pura e cristalina quanto frígida e saborosa. Ahi abarracamos e passamos o dia seguinte (dom. 25) chamamos este lugar — dormitorio das pedras.

26 (2.ª f.) Apenas raiou o sol que começamos a nossa tarefa. Três somente foram as serras que neste dia percorremos; mas as que tinhamos já passado, junto destas pareceram apenas colinas. Fomos à margem direita de um regato belissimo já pela frescura e cristal de suas aguas, já pela aurea areia de seu leito, já por uma notavel lage, que descobrindo uma boa extensão, representava um pequeno campo; por isso chamamos este lugar — dormitorio do campinho de pedras.

27 (3.ª f.) O indicio de campos que nos deu a lage, deu-nos tambem esperança, e com ela novas forças. Passamos neste dia seis serras, entre a 2.ª e a 3.ª um cristalino ribeiro. Ao aproximar-nos da baixada da ultima serra, rapidamente passamos da maior satisfação e alegria a mais profunda tristeza e confusão. Eis o motivo: achando--nos no cume da ultima serra e o sol já a pôr-se enviava seus raios por entre os arvoredos e se iam refletir sobre as arvores duma outra serra pouco distante, de tal maneira, que a representava como coberta de campos com carnaubeiras. Ahi está o objeto de nossas fadigas exclamamos! Chegamos enfim ao termo dos nossos desejos! Oh! corramos, vamos já estender as vistas sobre esses belos quadros, gozar dessas magicas perspectivas! Cada um apressado escorregava pelo declivio da serra, buscando ser o primeiro a pisar sobre as mimosas relvas, que de longe divisava. Apenas chegados na baixada que se dissipa a ilusão, qual o sereno matutino ao sopro do vento, e mostra-se a realidade! Que decepção! Risos foram o balsamo de que se lançou mão para mitigar a dôr da chaga, que na nossa alma angustiada e confundida abriu o ilusorio e maligno fantasma; pois a serra era igual a primeira, coberta de robusta e verdejante floresta; e porque já fosse tarde abarracamo-nos à margem direita do ribeiro sobre uma ribanceira, eis porque chamamos o lugar — dormitório da ribanceira.

28 (4.ª f.) Não foi inferior o trabalho deste dia ao dos precedentes, pois passamos 5 serras, assim como um regato notavel pela abundancia de peixes, que nele vimos. Subimos ainda a sexta, a que denominamos — cança-canelas, formidavel, certo, não só pela sua extensão como tambem pela sua imensa altura. Pernoitamos no meio dela em lugar sem fonte d'agua, por isso denominamos o lugar — dormitório da sede.

29 (5.ª f.) Neste dia terminamos a imensa serra, passamos uma outra mais baixa, e descemos em uma baixada, onde encontramos cacaueiros e ficamos, e é o dormitório do Coatá, porque esta caça nos serviu ahi de alimento.

30 (6.ª f.) Deste lugar costeamos a mesma ultima serra, descemos e atravessamos um terreno plano de castanhal, cortado por três corregos, e subimos a serra do galo, igual senão superior a do cança--canelas, tanto em altura como em extensão, sobretudo pelo ingreme e escraboso de sua elevação. Do cimo e do meio desta famosa serra dobramos o rumo, que segue para N.O. buscando o rio Cuminá. Ao descer no rumo indicado, achamos igualmente cacaueiros em um corrego quasi coberto de medonhos rochedos em cuja margem direita abarracamos e é o nosso dormitório denominado do galo da serra,

nome a que deu lugar uma destas aves, que se ahi viu. Pouco adiante deste lugar deixamos uma parte da nossa bagagem, para maior facilidade de nossa marcha.

1.° (dez.) de 77 (sab.) Sahindo um pouco tarde, passamos ainda duas altas serras e descemos um corrego onde achamos agua sob umas pedras assim arranjadas, que representavam um caixão, o que fez chamar este lugar — dormitório do caixão de pedras.

2 (dom.) Ao sair logo subimos duas serras, depois mais 4, das quais uma somente alta a do veado e pernoitamos a margem esquerda dum ribeiro, e por que por duas vezes neste lugar alimentamo-nos da carne de veado, ficou sendo o lugar — dormitório do veado.

3 (2.ª f.) Neste dia escalamos 9 serras, somente mais baixas as 3 primeiras. Dormiu-se sobre a margem dum corrego sem agua. Neste lugar ou por engano ou proposito, houve uma viravolta, o que ocasionou chamar este lugar — dormitório do Viravolta.

4 (3.ª f.) As 7 da manhã puzemo-nos em marcha, passamos a 1.ª serra, uma segunda quasi pelo cume, descemos em uma baixada, onde correm dois corregos: o ultimo coberto de ubinzal. Subimos uma terceira serra, donde descendo seguimos por um terreno plano e de castanhal até a margem do horrivel e ditoso Cuminá. É inexplicavel a satisfação e prazer que experimentamos ao estender a vista sobre grandes praias e extensos estirões dum grande rio. Sem dúvida, que ahi tambem se vêm medonhos rochedos; mas o horizonte é mais largo, o ar que se respira é mais puro e mais suave. Assim a sahida da nossa picada acha-se no segundo estirão acima do antigo mocambo dito Sant'Ana; a ilha do Sarapé fica-lhe um pouco abaixo e acima no fim do estirão a boca do Igarapé Grande, onde acha-se uma maloca, segundo provas que se ahi viu.

NOTA — Neste dia depois da 5.ª serra encontramos 3 vastos descampados, ocasionados por 3 lages de pedra granitica. É notavel não só pelo horizonte que dela se descobre como, tambem, pela duração e igualdade da lage.

5 (4.ª f.) O estirão onde sahimos segue a N.E. Pelas 11 do dia apartei-me do Sr. Figueiredo, que ficara para seguir em ubá. Meus companheiros foram: Antonio Baptista, Francisco de Figueiredo, Felipe de Oliveira, Joaquim Bentes, Ignacio Castro, o indio João e o preto Salgado. A direção então de nossa picada era 20 ao N. e porque o rio segue esta mesma direção até o estirão denominado Grande, margeamos até lá. Neste dia pernoitamos quasi no fim do estirão que precede o estirão grande.

6 (5.ª f.) Porque o estirão no começo não se desviara tanto do nosso rumo ainda nos foi possivel vir pernoitar á margem e no meio dele. Entre o dia precedente e este passamos o numero de 11 serras.

7 (6.ª f.) Neste dia depois de passar duas altas serras descemos em uma baixada onde demos com caminhos de gentios; mas pouca atenção se lhes prestou. Buscamos a margem para o mesmo fim do dia precedente; reconhecemos que já estavamos muito desviados do rio; encontramos barracas de gentios á margem dum pequeno igarapé, que por algum tempo seguimos, buscando o rio; e porque já era muito tarde pernoitamos na 2.ª barraca.

8 (sab.) Pela manhã observando, vimos pelos indicios que periodicamente vinham pescar neste igarapé, cuja boca via-se no rio pouco acima do estirão grande e chamamos — o igarapé da maloca. — Continuando a nossa picada atravessamos a estrada dos mesmos indios, sahindo outra vez nela mais adiante a seguimos, não obstante vermos que seguia ao N.E.; mas queriamos levar a fim. Com efeito depois de três horas da manhã, saimos na primeira maloca, que evitamos para não surpreendendo-os, espanta-los. Mas apenas passamos a maloca que encontramos a continuação da mesma estrada, pois a mesma era a direção, seguimos por ela, passamos 4 serras, e pernoitamos junto da estrada á esquerda de quem a segue em uma gruta, onde conserva-se uma fonte dagua deliciosa.

9 (dom.) Ao amanhecer seguimos a mesma estrada que fazia bem comprehender quão habeis são os gentios em percorrer os matos, pois a estrada evitava as maiores elevações, as escabrosidades, as voltas inuteis, o que demonstrava que, antes dela traçada, o terreno tinha sido bem estudado. Chegando a outra maloca vi que já estava muito fora do nosso rumo; pensando que a minha demora causaria cuidado ao Sr. Figueiredo, que supunha já ou quasi no Urucuiana, onde lhe tinha fixado que deviamos nos encontrar, fez-me dobrar a picada já com direção ao N. e não procurar os gentios, a quem somente se deixou objetos, demonstrando que lhe queriamos falar. Depois de passar sobretudo três grandes e altas serras descemos em um plano, onde vimos cacaueiros, velhas choupanas e outros arranjos de gentios, atravessado o plano pernoitamos à direita da nossa picada em uma gruta ao subir duma serra, donde corre uma abundante fonte de pura agua.

10 (2.ª f.) Seguindo sempre ao N. passamos entre outras três serras mais notaveis, fomos nos abarracar em um assaizal, onde houvemos agua cavando.

11 (3.ª f.) Neste dia não fomos mais felizes quanto á agua, a procurando sempre não a encontramos no lugar da pousada e abarracamo-nos sem ela; porém á luz da goma da maçarandubeira foram Francisco de Figueiredo e Felipe tiral-a de cipó. Deus tambem quer os homens, que em seu proveito e utilidade creou as cousas ainda as mais insignificantes! Quem olhando para um cipó tal poderá imaginar-se que é ele uma fonte de saborosa agua? Entretanto entre outras vós nos déstes vida esta noite. Quão terno pai, por toda a parte vós vos mostrareis, meu terno Creador!

12 (4.ª f.) Entre o dia precedente e este, calando umas pequenas merecem menção somente sete serras mais notaveis por nós percorridas; e foi este o ultimo, em que ainda jantamos com farinha, o que muito entristeceu aos companheiros, que até então desconheciam uma tal necessidade; mas era forçoso viajar, como foi pernoitar esta noite em um lugar sem fonte, valendo-nos o salutar e providencial cipó.

13 (5.ª f.) Lutando com altas serras que até à tarde foram em número de 4, pela primeira vez almoçamos sem farinha a carne assada dum coatí e do mesmo modo ceiamos à noite a carne dum veado.

14 (6.ª f.) Continuando a nossa pesada, mas gloriosa e bemdita tarefa através três escabrosas serras pernoitamos ainda sem fonte dagua numa baixada de assaizal, valendo-nos sempre o incomparavel cipó. Deste lugar ouvimos distintamente o rouco sussurro das cachoeiras da Paciencia, o que alentou a nossa murcha esperança e despertou energia naqueles a quem ouvi dizer que as moscas nos haviam de cobrir, como cobriam os restos do veado...

15 (sab.) Tendo passado uma serra e suas diversas pontas, descemos a uma baixada, onde achamos castanhas, o que muito nos alentou; seguindo através a baixada descemos em um corrego que seguimos e a uma hora da tarde sahimos á margem do rio, pouco acima da formidavel pancada do Resplandor, e fomos pernoitar em uma ilha junto a do Inajá pouco abaixo do ultimo banco das cachoeiras.

16 (dom.) Pelas 8 da manhã chegamos á boca do rio Urucuiana com os corações cerrados de tristeza, por não encontrarmos ahi o Sr. Figueiredo, como esperavamos e pela incerteza de que teria ele vindo em ubá e encontrado grande tropeço? ou teria resolvido a seguir-nos por terra como tinha dito? Nesta incerteza confiamos tudo á Misericordia Divina, a cujo serviço estavamos consagrados.

17 (2.ª f.) Pelas 10 h. ouviu-se um tiro e logo a tristeza sucede uma doce alegria em nossa alma bem amargurada; ao ouvir um segundo: são os nossos companheiros, clamam todos. É o Sr. Figuei-

redo que chega. Responde-se logo com outro tiro; apressado corremos a abraçal-o e vermos outros companheiros de seu séquito, tendo rapido atravessado o rio do Urucuiána, que tinha pouca agua, atenta a grande seca d'então.

18 (3.ª f.) Passamos no mesmo lugar, procurando cascas de jutahizeiros para ubás.

19 (4.ª f.) Não obstante não nos ter sido possivel aprontar as ubás que se preparavam na boca dum pequeno igarapé mais acima, sahimos margeando o rio pelo lado esquerdo. No começo do terceiro estirão encontramos poço, que ficou por nós chamado dos patos, pela quantidade desta ave, que ahi vimos; e fomos pernoitar em uma ilhinha d'areia e pedras no meio do rio, quasi na volta do mesmo estirão, onde chegaram alguns dos nossos companheiros á noitinha e outros de manhã em ubás.

20 (5.ª f.) Segui por terra com alguns companheiros, com outros o Sr. Figueiredo em ubás, dormimos em uma vasta e linda praia, junto a uma enseada ao lado esquerdo, sob uma barreira.

21 (6.ª f.) Segui com o Sr. Figueiredo em ubá, indo alguns companheiros sempre por terra, fomos pernoitar acima da boca do grande afluente Murapí, sobre uma praia á margem direita do rio Parú, que é o mesmo Cuminá, que, depois da boca do Murapí, toma esta dominação.

22 (sab.) Continuando a nossa viagem mais lenta que a do ano passado, não chegamos a nossa pousada d'então quanto mais a boca do igarapé-uaçú; dormimos em uma praia ao lado esquerdo, onde temendo a fome tivemos fartura.

23 (dom.) Neste dia encontramos duas antas no rio, atacamol-as e as matamos; pagaram-nos assim as provocações d'outras nos dias precedentes, em que encontramos muitas do mesmo modo. Disseram-nos que neste tempo é costume elas abundarem pelos rios. Este fato impediu-nos de chegar neste dia a Maloca; e pernoitamos na vasta e deleitosa praia da linha.

24 (2.ª f.) Deste lugar o Sr. Figueiredo, eu e alguns companheiros seguimos por terra, ao meio dia chegamos a primeira casa, cuja vista em lugar de alegria e prazer não nos fez experimentar senão tristeza pelo silencio e solidão, que ahi reinavam e sobretudo pela devastação e aridez, que se ahi via. Fomos nos abarracar defronte sobre uma praia, onde levantamos um Altar e ouvimos a Missa do Natalicio do Senhor.

25 (3.ª f.) Com o Sr. Figueiredo foram: Sant'Ana, João Bentes, Francisco de Figueiredo, Porfirio e o preto Salgado; fomos

á velha maloca, onde nova decepção foi o fruto do nosso trabalho, pois não achamos ninguem, nem mesmo os socorros do ano passado. Bananeiras caidas, canas mirradas, manivas secas, desfolhadas pimenteiras, igarapé ou poços sem agua, tudo nos demonstrava o flagelo, que sobre esta população pesara e que nos precipitava em grandissima necessidade. Á vista deste quadro de horror ocasionado por um verão abrasador, nada mais nos restava senão a resignação aos designios da Providência, como sempre praticamos, e resolvemos o nosso regresso, tanto para o abarracamento como para fora, deixando temporariamente esses belos e apraziveis lugares.

26 (4.ª f.) Neste dia dispostas as cousas, partimos distribuidos do mesmo modo, que quando subimos; porem todos sofrendo gravemente do ventre e estomago, ocasionado pela grande quantidade de timbós lançados nagua pelos gentios conforme vimos; fomos pernoitar na boca do igarapé dito Aimarára, em cuja margem no centro é situada a velha maloca.

27 (5.ª f.) Ao amanhecer cuidou-se logo em preparar duas ubás, visto como segundo o nosso estado de saude não podiamos fazer por terra a viagem. Terminadas as ubás as 3 da tarde partimos e fomos nos abarracar distante dahi 4 estirões sobre a margem ao lado direito.

28 (6.ª f.) Neste dia a nossa marcha por toque lento pode-se alcançar a espera do — bacabal — onde pernoitamos.

29 (sab.) Tendo preparado de calafeto uma das nossas ubás, somente partimos ao meio dia e pernoitamos defronte do lago dos patos, dois estirões acima da boca do Urucuiána.

30 (D.) Ás 8 da manhã achavamo-nos almoçando, abaixo do Urucuiána, sobre os rochedos que formam os diversos bancos de que consta a cachoeira da Paciencia. Não obstante todo o cuidado perdemos duas ubás, ficando-nos apenas uma e ás 5 da tarde chegamos defronte da cachoeira do Resplandor, onde dormimos.

31 (2.ª f.) Se com todas as ubás lutavamos com grandissima dificuldade ela cresceu ainda depois de perdidas duas. Tinhamos um dos nossos companheiros gravemente enfermo dum tumor que lhe apareceu na curva da perna, que o privava de andar. Resolvemos então que indo por terra iriam somente em ubá Felipe o doente, Ignacio, sobrinho do mesmo, o indio Porfirio e o preto Benedito. Assim dispostos puzemo-nos em marcha, e fomos pernoitar, além de todos os bancos das cachoeiras da Paciencia ao lado direito do rio, defronte da ilha do Alumáni, onde dormiram os da ubá. Vendo o estado lastimoso, em que nos achavamos, resolvi-me a pedir ao Sr. Figueiredo que fosse adiante na ubá, afim de nos buscar a farinha que tinhamos

deixado no centro, e mandei chamar o preto Benedito, por quem mandei comunicar ao Felipe que era o Sr. Figueiredo, que partiria na ubá no dia seguinte, e que ele desceria depois junto comigo.

Janeiro de 1878.

1 (3.ª f.) Qual não foi a nossa surpresa, quando pelas 7 da manhã procurando-os na ilha já se tinham furtivamente retirado! Reconheci então que Felipe é um mau homem, indigno de estima: seduzir o preto e o indio, a este ato infame, junte-se outro — o negar ele anzol para pescar-se para ele mesmo comer. Passamos este dia ocupados em preparar ubás.

2 (4.ª f.) Terminadas as ubás partimos a uma h. da tarde, chegamos às 7 da noite na boca do igarapé das trairas e ficamos.

3 (5.ª f.) Á vista da falta d'agua no rio que punha em descoberto tanto as praias como as pedras, bem compreendemos que seria lenta a nossa viagem a qual todavia era urgente apressar, atenta a nossa grande necessidade.

TERCEIRA VIAGEM AO CUMINÁ

Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo aos vinte de setembro de 1882, parti para os centros do rio Trombetas, a seguir o rio Cuminá, seu afluente. A viagem se fez do Muratapera em duas canoas: na igarité segui eu, tendo por companheiros o meu mano Benedicto Fragata, meu sobrinho Francisco de Figueiredo e Raymundo Escovar de Sz.ª Brandão, Possidonio Guimarães de Sousa, Casimiro Antonio da Silva, Benedicto Cardoso da Silva, Pedro da Rocha Serrão e Manoel Trindade de Souza seguindo na montaria: Francisco Floriano dos Santos, Raymundo José dos Santos, Joaquim Sant'Ana e o filho Antonio. No mesmo dia á tarde chegamos ao lado Iamacá e pernoitamos na barraca do Sr. Joaquim de Figueiredo.

21 (5.ª f.) Partindo, de pois do meio-dia pernoitamos em casa de Joaquim Sant'Ana, donde, depois de nos ter medicado, fomos pernoitar na casinha de pedras; 3 pequenos estirões da 1.ª cachoeira. Era dia 25 (2.ª f.)

26 (3.ª f.) Pernoitamos entre cachoeiras em uma ilhinha, fronteira a uma ponta denominada — do Soumbal.

27 (4.ª f.) Não obstante esforços poude-se apenas alcançar a ilha fronteira ao primeiro varador dos antigos quilombeiros, o qual se achava abaixo da boca do igarapé — Pindobal, donde vê-se bem a medonha, mas admiravel cachoeira dita do Inferno.

28 (5.ª f.) Tendo passado a nossa canoa, pernoitamos na ilhinha do Teuto, pouco distante da cachoeira do inferno.

29 (6.ª f.) Pernoitamos na ilha fronteira ao igarapé grande.

30 (sab.) Pernoitamos no porto da Capoeira do Taurino, acima do igarapé do Sumaúma, onde passamos o Domingo — dia 1.º de outubro.

2 (2.ª f.) Partindo do dito porto pelas 8 h. fomos pernoitar dentro do igarapé do Sumaúma á margem direita.

3 (3.ª f.) Neste lugar apartaram-se de nós voltando para fora, Joaquim Silvino e o filho Antonio, Isidoro, Pedro e Sebastião, que somente vieram para voltarem na montaria, ficando Manoel Auzier, para seguir comnosco, o qual embarcamos no Poraquê. Sendo o lugar conveniente, levantou-se uma barraca para o depósito da bagagem, que devia ficar.

4 (4.ª f.) Já ao meio-dia sahimos, seguindo a antiga picada até depois da baixada, desviamo-nos dela e pernoitamos á margem direita do igarapé ao S.E. dum assahizal, atravessado pela picada, que vem muito por cima da outra velha.

5 (5.ª f.) Tendo sahido das 8 horas em diante, pernoitamos pouco abaixo da ponta das pedras defronte do assahizal, onde chegamos as 4 h. da tarde.

6 (6.ª f.) Sahimos já ao meio dia pela dificuldade que encontrou--se em grandes serrados, pernoitamos na ponta pouco acima do dormitorio da ponta da serra.

7 (sab.) Puzemo-nos a caminho pelas 8 h. da manhã levando um rumo N., o que nos fez entrar muito ao centro, e costear dois outeiros, subir uma serra e costear uma outra coberta de iuauassu (palmeiro) já com o rumo a E., vimos pernoitar na baixada e ponta de outra colina na mesma direção E., onde chegamos já às 5 1/2.

8 (Dom.) Passamos no mesmo lugar acima, que chamamos dormitorio da entre-serra, fica a E. e pouco distante do igarapé.

9 (3.ª f.) Puzemo-nos em marcha pelas 9 1/2 do dia margeando o igarapé; encontramos um pé de salsa e pernoitamos á margem onde o igarapé dá uma volta a S.E.

10 (3.ª f.) Neste dia tendo passado umas cachoeiras sob uma serra, pernoitamos junto á boca de um pequeno igarapé da parte de cima, onde vê-se ao S.E. uma bacabeira e entre o domitório antigo do jacú e o Sumaúma.

11 — Tendo sahido ás 7 h. da manhã, pelas 10 h. cahiram doentes dois companheiros: um com dôr no estomago e outro com sezão, pelo que tivemos de estacionar sobre uma cachoeira grande, que a denominamos das sezões e fica quasi 1 hora distante da estação do Macaco espantado.

12 (5.ª f.) Pernoitamos na estação do macaco espantado, tendo chegado ainda cedo.

13 (6.ª f.) Ás 8 h. partiram 3 dos nossos companheiros a buscar na 1.ª barraca, algum necessário ficando já doente o Casimiro.

14 (sab.) Na mesma estação, aonde ficamos á espera dos nossos companheiros, que chegaram no dia 18 ás 3 h. da tarde.

19 (5.ª f.) 20 (6.ª) Partimos do abarracamento Macaco espantado e pernoitamos em uma baixada de assahizal no começo dum grande massarandubal, onde ficaram os nossos doentes dia 21 (sab.) e pernoitamos essa noite, e passamos o dia 22 (domingo). Até aqui o rumo é N.E.

23 (2.ª f.) Fomos pernoitar á margem esquerda de um igarapé junto a um banco de pedras. Já o nosso rumo foi 20 ao N.

24 (3.ª f.) Pernoitamos á margem de um corrego junto a grande serra, que divide as aguas do Sumaúma das do Cuminá grande. A direção do corrego, que corre junto a grande serra e que por ele seguimos, é 40° ao N.O.

25 (4.ª f.) Tendo sido enganado por uma baixada correndo já para o Cuminá grande, fomos pernoitar na estação das duas Sumaumeiras, da minha primeira picada, donde ouve-se o ruido da cachoeira da Paciencia.

26 (5.ª f.) Buscando a altura do nosso rumo, subimos duas altas e extensas serras, pernoitamos em uma baixada com corrente ao nascente. Desta estação que denominamos do Loureiro-batata, por causa duma arvore deste nome, que ahi se acha, voltaram 5 dos nossos companheiros em busca de provisões onde já tinham ido buscar a 1.ª vez e nós seguimos a baixada que alarga-se em igarapé e pernoitamos á margem direita junto ao 2.° banco da cachoeira.

27 (sab.) Pouco andou-se por causa da molestia, pernoitamos na margem alem de um afluente do igarapé, onde passamos o dia 28 (domingo).

29 (2.ª f.) Proseguimos, o rumo do igarapé: E., pernoitamos à margem em um lugar, que denominamos do Patauá, por termos ahi bebido o vinho desta fruta.

30 (3.ª f.) Pernoitamos á margem direita do igarapé, e chamamos a estação das castanhas, que muito abundam ahi.

31 (4.ª f.) Pernoitamos em uma ponta coberta do iuauassuzal junto do rio.

Novembro de 1882.

1.° (5.ª f.) Tendo sahido do pequeno e comprido igarapé, que denominamos — Vai e volta (porque assim nos sucedeu) em outro igarapé muito maior, cuja primeira direção era N., rumo que nos convinha, seguimos e pernoitamos na margem direita junto a umas grandes pedras; e chamamos a estação dos dois macacos que ahi matamos. O igarapé ficou sendo chamado Igarapé-panema, porque pouco ou nenhum peixe ahi se encontra.

2 (6.ª f.) Reconhecendo que a direção real do igarapé era E. e que já estavamos na bacia do rio Curué, do qual é ele afluente, voltamos e pernoitamos na nossa estação do Patauá.

3 (sab.) Alcançamos a nossa estação do 2.º banco da cachoeira, tendo encontrado os nossos companheiros pouco abaixo da nossa estação do dia 27; e ahi pernoitamos por ser a altura e direção do nosso rumo. Tambem ahi passamos o dia 4 (domingo).

5 (2.ª f.) Sahimos a 1 h. da manhã, depositamos algumas bagagens nos cedreiros (entre a estação dita acima e a de Loureiro-batata). Proseguindo passamos 3 altas serras, pernoitamos em uma baixada a 20 ao N. da passagem dos cedreiros. Neste dia encontramos a minha 1.ª picada, que nos despertou que iamos um pouco desviados. Chamamos o dormitório das fontes por ser começo dum corrego da baixada.

6 (3.ª f.) Padre José Nicolino Pereira de Sousa, deu conta a Deus no dia 8 de Novembro ás 7 horas da tarde, de uma dôr que lhe deu no estomago e vomito, começou-lhe a dor ás 5 da manhã, e foi sepultado ás 10 horas do dia 9. Foi sepultado pelo seu mano Benedito Fragata, seu sobrinho Francisco José de Figueiredo, Possidonio, quatro discipulos, 1 sobrinho no 2.º gráu e 3 camaradas, voltamos dia 11; pelo que se deu não concluimos a nossa jornada para o rio Cuminá, sendo ele rumo ao Norte — 1882. Sinais 3 "Crois" em arvores na margem de um riacho, subindo a esquerda. 13 — Chegamos na margem do Igarapé do Sumaúma continuamos nossa viagem; 16 — Chegamos no deposito na margem do mesmo igarapé; 19 — Chegamos na margem do rio Cuminá, no lugar de Torino, para fazer ubás que nos faltavam para nos transportarmos: 21 — Transportamo-nos; 22 — Chegamos na cachoeira denominada Inferno. De lá fizemos picada para o tronco aonde chegamos no dia 25; passamos 26 com o mestre Joaquim Sant'Ana; 27 — Seguimos para Jarauáca; 28 — A noite chegamos no Mura-Tapera.

Imprensa Nacional — Rio de Janeiro — Brasil — 1946

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura